

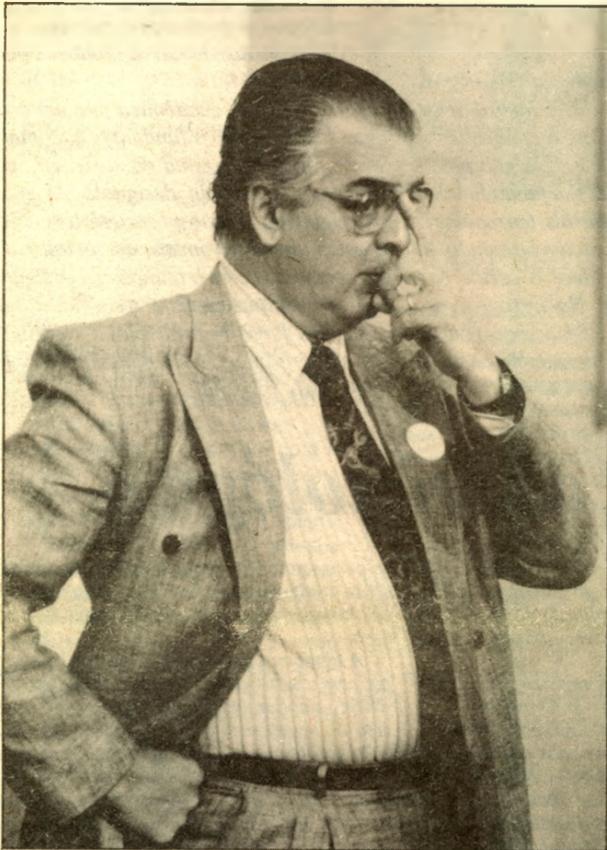


Lições de luta portuária



Para conhecer as formas de organização sindical dos portuários, o historiador Fernando Teixeira (foto) passou meses entre os doqueiros de Santos. Essa experiência é contada na página 8.

Especialistas debatem financiamento da ciência



Mares Guia, presidente do CNPq: "Período de travessia".



Delben Leite, secretário de Ciência e Tecnologia do Estado.

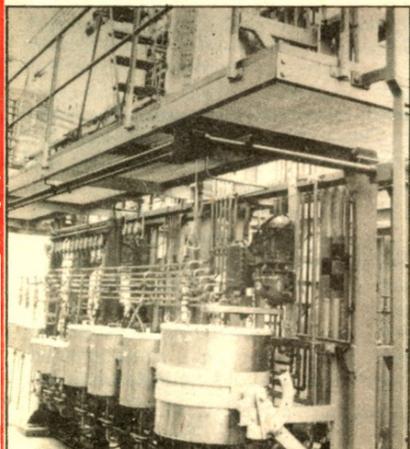
Depois de chegar a 0,7% do Produto Interno Bruto — o que já era considerado pouco —, os investimentos em ciência e tecnologia no Brasil mal alcançam, hoje, 0,5% do PIB. Para muitos dos técnicos e especialistas no assunto reunidos na Unicamp no final de maio passado, num seminário sobre o financiamento da pesquisa, o problema maior nem sempre é a falta de recursos, mas a sua forma de distribuição. No que toca à Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, entretanto, o secretário Luiz Carlos Delben Leite tem razões para estar otimista. Através das universidades e institutos de pesquisa, a Secretaria está empenhada em implementar um vasto programa de modernização do parque industrial paulista. Páginas 6 e 7.



Seminário: avaliação da C&T.

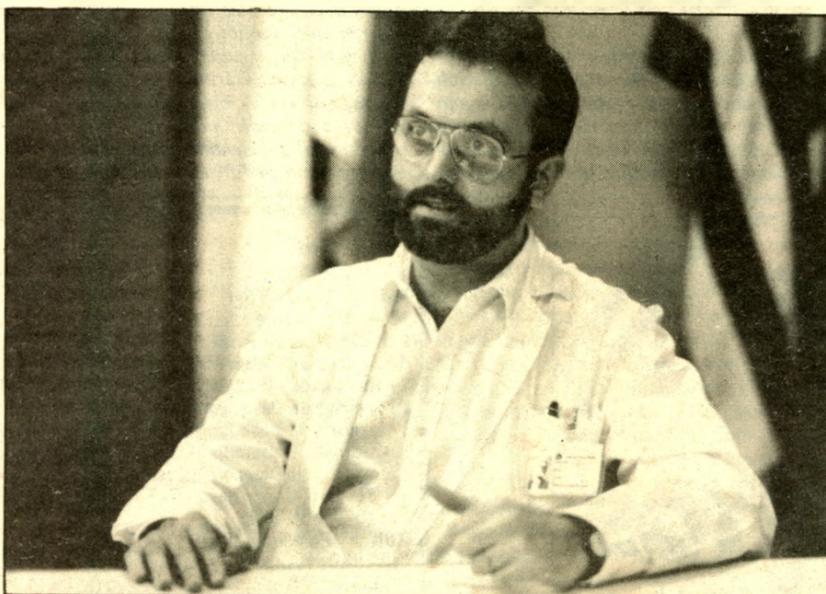
Reitor apresenta ao Consu relatório do biênio 90-92

Um sólido documento contendo as atividades desenvolvidas pela Universidade nos primeiros dois anos da atual administração foi apresentado pelo reitor Carlos Vogt ao Conselho Universitário (Consu) em sua reunião de 26 de maio último. A maior parte das realizações se insere no contexto do "Projeto Qualidade". Página 5.



Planta piloto para produção de extratos de plantas, no CPQBA: conquista do período.

Unicamp inicia programa de transplante cardíaco

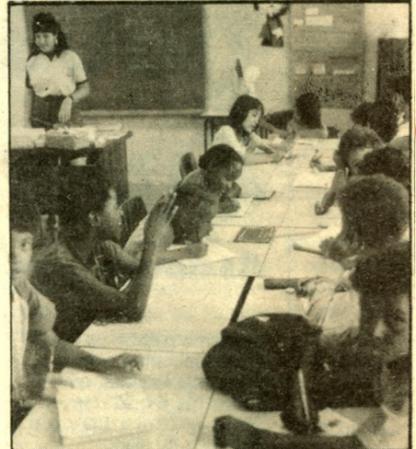


O cirurgião Eduardo Sancho: primeiro transplante cardíaco do interior do Estado.

A realização emergencial de um transplante de coração no Hospital das Clínicas da Unicamp — o primeiro no interior do Estado —, no dia 11 de maio passado, jogou luz sobre o projeto de implementação do serviço de transplantes cardíacos, em andamento na Universidade. Antes de realizar o primeiro transplante de coração humano, a equipe coordenada pelo cirurgião cardíaco Eduardo Sancho realizou cerca de 40 transplantes de coração em cães. O projeto deve estar consolidado dentro de ano e meio. Página 12.

Estudo avalia educação pública em São Paulo

O Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp acaba de realizar um aprofundado levantamento das condições físicas e qualitativas das cerca de 6.000 escolas de primeiro e segundo graus do Estado de São Paulo. O resultado da pesquisa foi apresentado ao governo do Estado, que o havia encomendado. Página 3.



Sala de aula da escola de 1º grau da Unicamp, uma das 6.000 do Estado.

Marx morreu para a sociologia?

Plínio Dentzien

O fracasso do socialismo soviético tem servido, nas universidades e fora delas, para lançar dúvidas sobre a contribuição prática e teórica de Karl Marx ao pensamento social. É certo que sua obra não se confunde nem com o socialismo, em cuja tradição sua prática de certa maneira se inscreve, nem com a sociologia, que lhe é, na origem, quase inteiramente alheia. Um par de argumentos pode encaminhar uma resposta à questão da contribuição de Marx à sociedade e à sociologia.

Marx fez a crítica do socialismo utópico e formulou o seu projeto de acordo com sua concepção de ciência. Mas a tradição já existia e o fato de que Marx a tenha escolhido como alvo de crítica indica antes semelhança de objetivos que oposição. Na história dos sistemas sociais (ou formações sociais históricas como Marx preferiria), sua crítica correu por duas vertentes principais: o socialismo dito real (com as variações que comportou) e o impacto que os vários "marxismos ocidentais" tiveram sobre as social-democracias. O fracasso da União Soviética parece ter gerado dúvidas sobre a própria teoria. Mas isso faz uma injustiça ao rigor do pensamento de Marx, que não acreditava em socialismo em países atrasados, embora se tivesse interessado pela receptividade de seus escritos entre os socialistas russos. Em sua teoria, o desenvolvimento pleno do capi-



Plínio Dentzien é professor de sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp.

talismo é condição necessária para o socialismo.

Quanto à sociologia, a questão é diferente. O termo e seu autor eram conhecidos de Marx, que utilizou o primeiro sem dar grande importância ao último. Isso é fácil de entender. Marx não tinha qualquer interesse em desenvolver uma disciplina acadêmica, isto é, um conjunto de teorias destinadas a aumentar o nosso co-

nhecimento. Seu objetivo era a formulação de uma teoria para acabar com toda teoria e com a sociedade (burguesa) que a sustentava. E, por isso, construiu um sistema de pensamento único, singular, onde é impossível separar uma filosofia, uma economia, uma sociologia: existe um só sistema de pensamento. Se se lhe retirar uma parte, o que resta não se sustenta inteiramente, não funciona como deveria, as inter-relações lhes são construtivas.

A política constitui um limite para o pensamento de Marx, mas um limite compreensível nos termos de sua própria teoria. Ele estava interessado no enfrentamento de classes, que imaginava uma fatalidade. Nesse caso, não havia por que desenvolver uma teoria da política; no máximo, uma teoria da revolução, caudatária dos jogos estratégicos de guerra, pois era disso que se tratava.

O contexto de fundação da sociologia, no princípio deste século, é inteiramente outro. Comprometida com o conhecimento, e não com a revolução, ela não poderia reconhecer em Marx um fundador. Se, hoje, as sociologias centrais (européias e norte-americanas) se dedicam ao estudo da obra de Marx isso se deve a certas circunstâncias históricas. Na Europa, com exceção da Inglaterra, foi a recepção de alguns "marxismos ocidentais" potencializados pela Segunda Grande Guerra. Nos Es-

tados Unidos, foi o radicalismo dos anos sessenta e, ironicamente, o impacto das sociologias da periferia. Por uma certa indiferenciação de nossas sociedades, os sociólogos entre nós nunca se limitaram às teorias acadêmicas e muito cedo se interessaram por Marx. Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, com sua Dependência e desenvolvimento na América Latina, no que diz respeito a esta parte do terceiro mundo, deram sua contribuição para incluir Marx nos currículos acadêmicos norte-americanos.

O que fica, então, da contribuição de Marx à sociedade e de sua contribuição ao pensamento sociológico? Mesmo que o socialismo deixe de ter qualquer vigência histórica — o que é improvável — as grandes transformações que se fizeram em seu nome e que geraram, num curto período, um progresso sem precedentes, continuarão como marca importante deixada, na existência dos homens, também pela obra de Karl Marx.

Na sociologia acadêmica fica um conjunto de proposições fundantes que analisam a estrutura mesma da sociedade capitalista a partir da desigualdade entre proprietários e não-proprietários. Fica também um compromisso da sociologia e dos sociólogos com a redução da desigualdade e da injustiça. Isso tudo fica talvez com mais força nas sociologias periféricas, onde o impacto da obra de Marx foi (e é) mais profundo.

Mais espaço para a informação tecnológica

Maria Isabel Santoro

A informação na área das engenharias da Unicamp ganha mais espaço - e não só espaço físico - mesmo antes do início da construção do prédio da Biblioteca da Área de Engenharia (BAE).

Instalada no segundo piso da Biblioteca Central, a BAE presta atendimento nas áreas das engenharias agrícola, civil, elétrica, mecânica, química, e quando da mudança para o novo prédio, ampliará, esse atendimento esse atendimento para as áreas que hoje são cobertas pelas bibliotecas da Faculdade de Engenharia de Alimentos e do Centro de Tecnologia.

A criação da Biblioteca da Área de Engenharia, além de alterar o arranjo das bibliotecas seccionais, evoluindo para uma nova forma de biblioteca - central de área - vem também significar para a universidade, de um lado, um investimento na modernização da área de informação tecnológica como um todo e, de outro, racionalização e economia de recursos financeiros com a integração de acervos e serviços. É preciso que a biblioteca se desenvolva a ponto de acompanhar a velocidade da produção de novos conhecimentos científicos aqui gerados.

O impacto da reunião de acervos e serviços das engenharias já se faz sentir, nesses últimos



Maria Isabel Santoro é diretora da Biblioteca da Área de Engenharia.

meses, com um considerável aumento da informação disponível. O alto nível de interdisciplinaridade das áreas integradas (engenharia agrícola, civil, elétrica, mecânica e química), a racionalização no uso dos recursos financeiros para material bibliográfico, com aquisição pla-

nejada (evitando-se duplicação), a implantação do Programa de Educação do Usuário para pós-graduação, além da ampliação do horário de atendimento para 72 horas semanais, são os destaques.

Outras ações também registram evolução, com a própria instalação do Conselho da Biblioteca da Área de Engenharia, constituído pelos docentes coordenadores das comissões de biblioteca de cada uma das unidades envolvidas, pelos representantes dos alunos de graduação e pós-graduação, pelo representante dos bibliotecários e pelo diretor da biblioteca, que conta, no momento, com um plano de trabalho aprovado para o corrente ano.

Hoje, na BAE, o usuário de informações tecnológicas tem acesso ao resumo de toda a literatura internacional corrente, especializada nos diferentes campos da engenharia, através da coleção de 40 periódicos de referência tipo abstracts e index, além da riqueza do acervo de quase mil títulos de periódicos correntes.

Acrescido a um acervo de qualidade, o serviço de levantamento bibliográfico em bases de dados internacionais oferecido pela Seção de Referência da Biblioteca Central vem garantir ao docente, ao pesquisador e ao pós-graduando os subsídios necessários, tanto para conhecer o estado do conhecimento do tema a ser estudado, como também para resolver os problemas da pesquisa científica em que estão envolvidos. A ação qualificada, crítica e atualizada

da pesquisa bibliográfica interfere na qualidade da produção científica a ser gerada, justificando o alto investimento da Universidade nessa área.

A Biblioteca da Área de Engenharia tenciona, com a aquisição de bases de dados em CD-ROM, ampliar sua atuação oferecendo o serviço de levantamento bibliográfico eletrônico para baratear o custo de informação e também efetivar a economia de tempo gasto com pesquisa bibliográfica elaborada manualmente.

Mas, sem dúvida alguma, a ação de maior abrangência para a BAE se concretiza com a construção de seu prédio. Localizado próximo aos prédios das faculdades de Engenharia, a biblioteca foi projetada com desenho arrojado, formas funcionais e ambientes diversificados.

Priorizando o conforto e um melhor atendimento ao usuário, o prédio prevê espaços para leitura e acervo de livros, teses e materiais especiais, leitura e exposição de periódicos e espaço para armazenamento da coleção de periódicos. Toda a seção de referência será instalada de forma adequada à utilização de serviços automatizados de recuperação de informação, além de salas de estudo e amplos ambientes para leitura.

Assim, pode-se dizer que a Unicamp hoje continua a se modernizar e a evoluir em matéria de estrutura organizacional de bibliotecas, tendo como iniciativa a Central e a área de engenharia.

**DUPLAS,
TRIOS
&
QUARTETOS.**

As novas opções do Michigan.

O mesmo padrão do Inglês Individual também em cursos para duplas, trios e quartetos. É o SGS (Small Group System) a qualidade Michigan no plano econômico. Marque seu horário.

MICHIGAN
Inglês Qualidade

Av. Júlio Mesquita 763
Fone: 54-0900

Reitor - Carlos Vogt
Vice-reitor - José Martins Filho
Pró-reitor de Extensão - César Francisco Ciarco
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário - Carlos Eduardo do Nascimento Gonçalves
Pró-reitor de Graduação - Adalberto Bono M. S. Bassi
Pró-reitor de Pesquisa - Armando Turtelli Jr.
Pró-reitor de Pós-Graduação - José Dias Sobrinho
Este jornal é elaborado mensalmente pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas - SP. Telefones (0192) 39-7865, 39-7183 e 39-8404. Telex (019) 1150. Fax (0192) 39-3848.
Editor - Eustáquio Gomes (MTb 10.734)
Subeditor - Amarildo Carnicel (MTb 15.519)
Redatores - Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Piglione (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.917), Lea Cristiane Violante (MTb 14.617), Roberto Costa (MTb 13.751).
Colaboradora - Raquel do Carmo Santos
Fotografia - Antoninho Perri (MTb 828)
Ilustração e Arte Final - Oséas de Magalhães
Diagramação - Amarildo Carnicel e Roberto Costa
Serviços Técnicos - Clara Eli Salinas, Dulcinéa Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

COMPOSIÇÃO
FOTOLITOS E IMPRESSÃO
IMPRESA OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP



Estudo mapeia o ensino paulista

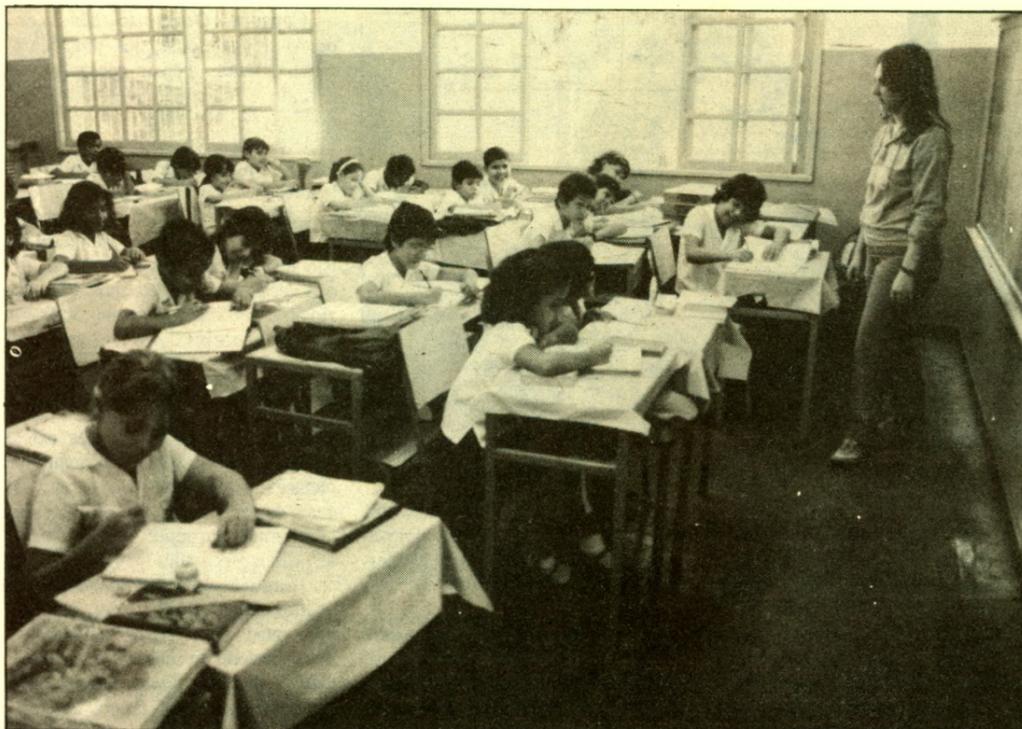
Trabalho foi feito pela Unicamp a pedido do governo do Estado.

O sistema público educacional paulista, que engloba cerca de 6.000 escolas, foi alvo de um mapeamento realizado pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas (Nepp) da Unicamp, por encomenda do governo estadual. Iniciado na administração Quéricia e entregue na gestão Fleury, é um detalhado estudo que evidencia a heterogeneidade de diretrizes e regras que caracterizam, por exemplo, o ensino de primeiro e segundo graus. Percorrendo distantes localidades, os pesquisadores visitaram estabelecimentos da região metropolitana, do litoral e do interior e depararam com realidades contrastantes em diferentes extratos sociais. A equipe buscava saber se a escola pública podia ou não oferecer ensino de bom nível, e também constatar se as condições materiais estariam interferindo na qualidade do serviço.

O estudo faz parte do relatório "Educação, saúde e atenção ao menor no Estado de São Paulo: uma avaliação dos serviços públicos estaduais". Foi realizado entre setembro de 1990 e outubro do ano passado, através de convênio com o Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal da Fundação Faria Lima (Cepam). O levantamento sobre o sistema educacional teve como um de seus coordenadores a socióloga Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa, que colaborou na elaboração do novo projeto de educação do Estado, implantado este ano nas escolas padrão. Também responsável por este trabalho do Nepp, o educador José Roberto Rus Perez diz se tratar de um segmento da pesquisa "São Paulo no limiar do século 21", realizada pelo núcleo em 1990, porém sem mostrar a realidade das escolas.

O ponto de partida foi selecionar as escolas que comporiam a amostra quantitativa da pesquisa. Foi enviada correspondência para 600 estabelecimentos estaduais. "O retorno nos deu a indicação do que há na ponta do sistema", afirma Gilda Gouvêa. Para a análise qualitativa da pesquisa, envolvendo estudo de casos, foram escolhidas 37 escolas em 23 municípios e três da capital. A equipe do núcleo, com dez pesquisadores, visitou os locais, passando um dia em cada estabelecimento. "Fomos conhecer as condições de funcionamento, desde pessoal até material, o prédio, a gestão da escola, suas instalações, questões sobre violência e ainda as relações com a comunidade", relata a socióloga.

Análise quantitativa - Essa parte do estudo foi subdividida em características de funcionamento dos serviços, recursos humanos, formas de gestão e tendências de descentralização. Sobre o funcionamento dos serviços, o extrato social da clientela é assim caracterizado pelos diretores: 61% das escolas atendem a alunos de classe pobre e muito pobre, 29% a classe média baixa e 10% se destinam aos segmentos de classe média e média alta. Sobre as dependências, a sala da diretoria não existe em 4% dos estabelecimentos de municípios grandes do interior, em 14% da região metropolitana de São Paulo e em 26% dos municípios pequenos do interior. A biblioteca também se faz ausente em 27% das escolas de municípios grandes, em 43% da região metropolitana e em 64% das pequenas cidades. A existência de material didático (módulos de edu-



Pesquisa aponta a falta de estrutura organizacional na rede pública.

cação artística, mapas ou bolas) é crítica.

Outras constatações: 18% das escolas de classe média e 46% da camada pobre não possuem biblioteca; 52% das escolas de classe média não têm laboratório, sendo que o mesmo foi verificado em 83% daquelas onde estudam crianças pobres. A avaliação sobre o estado físico mostrou aos pesquisadores do Nepp que estão em situação ruim a pintura de 32% das escolas, banheiros em 27% e telhado em 20%; em situação razoável de pintura 32% dos prédios, banheiro em 48% e telhado em 40%. Em boa situação estavam, na época, vidros em 67% das escolas, esgoto de 48% e as carteiras e lousas em 43% dos estabelecimentos.

Sobre a merenda, que também foi provada pelos pesquisadores em sua jornada pelos estabelecimentos de ensino paulistas, a avaliação foi positiva no interior, onde as prefeituras reforçam a alimentação. Era oferecida para os alunos de todas as séries do ensino fundamental, mas quando se tratava de estudantes de 5ª a 8ª séries do período noturno, a merenda era servida em 40% das escolas. A violência, no entanto, foi apontada como a situação mais grave do cotidiano escolar: 77% das escolas enfrentam problemas de segurança, sendo comuns a depredação (20%) e brigas de grupos (11%). A ocorrência é maior nos municípios mais populosos e na região metropolitana de São Paulo (72% e 80% respectivamente), do que nas localidades menores (43%). A solução vinha sendo "a colocação de grades até mesmo na porta das classes, transformando as escolas em quase presídios", revela o relatório entregue ao governo estadual.

Quanto aos recursos humanos, os pesquisadores da Unicamp verificaram que em 24% das escolas mais da metade dos professores é titular (aprovados em concurso), enquanto em 3% há entre 75% e 100% de docentes concursados. Em 61% das unidades escolares mais da metade dos professores foi admitida em caráter temporário, sendo que em 30% delas há de 75% a 100% de pessoal não concursado ministrando aulas. É significativa a diferença percentual de professores titulares nos locais de clientela de classe média e pobre: enquanto em 54% das escolas freqüentadas pela classe média mais da metade dos professores é efetiva, nas unidades com estudantes pobres o percentual cai para 15% de concursados. Em 85% das escolas o quadro de funcionários não está completo e a sistemática de capacitação da Secretaria de Estado da Educação,



Gilda e José Roberto: análise qualitativa

vigente até 1990, recebeu avaliação negativa dos diretores. Quanto às formas de gestão, o relatório demonstra que a rotina dos diretores é composta basicamente de atividades burocráticas (66%) e de atendimento aos pais e alunos (14%).

Análise qualitativa - O estudo revelou que a administração e o funcionamento da escola tornam-se difíceis quando a direção recusa ou não consegue assumir de fato o comando da escola e a liderança junto à comunidade. Os principais problemas que o diretor enfrenta com os professores, segundo o relatório, estão relacionados à disciplina e resistência a inovações. A autonomia foi indicada como questão central: apenas 6% dos diretores disseram-se contrários a qualquer iniciativa, enquanto 27% mostraram-se favoráveis à completa autonomia administrativa da escola. Proporções altas de diretores são a favor quando se trata do corpo docente e funcionários, e contrários a assuntos como orçamento e conteúdo escolar. No estudo de casos os pesquisadores do Nepp constataram que todos os diretores reivindicam autonomia para contratar e demitir professores.

"Quando se fala em escolas", diz Gilda Gouvêa, "lida-se com realidades muito diferentes entre grandes e as pequenas e médias cidades, com vantagens para as últimas que têm condições de funcionamento muito melhores. Isso é visível: são mais bem equipadas e conservadas", ressalta a socióloga. O estudo qualitativo sobre o perfil da educação no Estado de São Paulo revelou também a clientela é muito diversificada. "Há desde crianças de classe média que em geral estudam em boas e bem equipadas escolas, até alunos que estão em prédios escolares de três andares e que funcionam dentro da favela, sem cerca em volta".

Outro aspecto peculiar: em pequenas cidades, como Urupês ou Cajuru, não há estabelecimentos particulares de ensino e nas salas de aula existentes estudam juntos o filho do fazendeiro e do peão. Já na capital paulista a clientela se divide totalmente. Além da separação geográfica de alunos existe a chamada divisão de clientela, que a própria população se encarrega de selecionar. "Por exemplo, há a escola ruim e a escola boa dentro da favela: na ruim estudam crianças largadas pelos pais, enquanto aquelas não marginalizadas freqüentam a escola da elite da favela. São os filhos do dono do bar, do presidente da associação de bairro ou crianças que vivem em casas de alvenaria. Esta situação encontramos na favela da Vila Prudente, onde as duas escolas são vizinhas", relata Gilda.

Para os pesquisadores as realidades muito diferentes constituíram a grande revelação desse trabalho. "No Brasil sempre se rechaçou decisões diferenciadas, enfatizando-se a uniformidade. Aqueles que defendem as políticas universais preconizam que o Estado tem o dever de dar ensino bom e de qualidade para todos, sem qualquer discriminação. As políticas dirigidas são consideradas discriminatórias, por exemplo, quando se destina mais dinheiro para as escolas de comunidades muito carentes", avalia a pesquisadora do Nepp. A outra corrente preconiza que é preciso investir mais nas escolas carentes, que são qualitativamente diferentes das demais e devem ter políticas dirigidas. "Na área da educação a maioria defende políticas universais, enquanto nós pensamos o contrário: consideramos que a questão de políticas seletivas deve ser levada para a discussão pública".

Entre pesos e medidas, os pesquisadores levaram para a balança fatos como o salário dos profissionais, que na opinião deles deveria

ser diferenciado, uma vez que nas escolas em precárias condições poucos são os professores ou funcionários que conseguem permanecer muito tempo no local. Verificaram que naquelas de classe média existe maior participação das associações de pais e mestres, assim como há mães cuidando do trânsito de rua no horário de saída das crianças, conforme os pesquisadores observaram em São Paulo, na Cohab-Itaquera. "No interior são as prefeituras que assumem a manutenção das escolas, inclusive porque as diretoras pressionam diretamente", diz o educador José Roberto Rus Perez.

Escolas cinzas - Os problemas verificados no primeiro e segundo graus são os mesmos que ocorrem nos cursos supletivos, sendo que o quadro é pior quando se trata do período noturno. Os pontos críticos apontados pelo relatório são o treinamento dos professores, os cursos noturnos e as "escolas cinzas". "Foi como os pesquisadores denominaram as escolas problemáticas porque tudo é uma cor só: até as crianças parecem ser cinzas", descreve a socióloga. Nesses estabelecimentos de ensino cerca de 90% dos professores são admitidos em caráter temporário, os diretores são todos substitutos, há alta rotatividade de funcionários, os professores faltam constantemente e muitas vezes nem existe a Associação de Pais e Mestres, o que implica na não participação da comunidade na educação.

A equipe do Nepp constatou ainda que há sérias ocorrências de violência, muitos assaltos e que os prédios estão sempre em péssimas condições devido à própria realidade do local. Nas "escolas cinzas", onde segundo José Roberto até a família recebe merenda escolar, os alunos têm graves problemas de nutrição principalmente na segunda-feira, uma vez que durante o fim de semana mal tiveram o que comer. "As crianças são apáticas, também porque convivem com a violência em casa", diz Gilda. Há, no entanto, um aspecto que se mostrou comum nas escolas tidas como boas, médias ou "cinzas": evasão e repetência. "O que muda são os critérios de avaliação dos professores. A hipótese é que esse fato esteja relacionado à qualidade do ensino, mais puxado nas melhores escolas", avalia a socióloga.

Após vivenciar o cotidiano escolar em diversas localidades e registrar as diferentes realidades, a equipe pôde fazer algumas avaliações. Por exemplo, que a falta de vagas foi solucionada na década anterior. "Ficou claro que resolveu o problema qualitativo, em detrimento do quantitativo. Ou seja, se investiu muito na oferta de vagas e ficou de lado tudo o que diz respeito à qualidade. Algumas escolas não têm qualquer possibilidade de se estruturar, enquanto outras apresentam boas perspectivas de melhora. José Roberto diz que "o aspecto positivo é que mesmo sendo difícil conseguir que uma criança chegue ao fim do primeiro grau, a população ainda confia os seus filhos à escola pública. Hoje o grande desafio do governo estadual é oferecer o ensino de qualidade".

Identificados os pontos críticos e traçadas algumas avaliações — como a revelação da heterogeneidade que caracteriza o sistema público estadual —, os pesquisadores do Nepp concluíram o relatório apresentando alguns temas de trabalho. Isso, na tentativa de organizar hipóteses que possam auxiliar na definição e acompanhamento de políticas para o setor. São elas a estrutura organizacional da rede e o gerenciamento da escola, as características da distribuição da clientela, a municipalização do ensino, avaliações do Ciclo Básico, da jornada única e da merenda; e pontos críticos do modo de funcionamento do sistema. (C.P.)

Livro analisa linguagem do silêncio

Eni Orlandi mostra que o silêncio pode ser tão eloqüente quanto as palavras.



Eni Orlandi: "O silêncio não fala, mas tem significado".

O silêncio não diz, não fala, mas significa. É um recuo importante para se conviver com os sentidos do mundo. Estimulado a produzir linguagem o tempo todo, o homem acaba desvalorizando o silêncio, sem se dar conta, no entanto, de que através do uso exacerbado da linguagem a sociedade passa a controlá-lo, a domesticá-lo. Por isso mesmo, muitas palavras, ditas em demasia, passam a não ter credibilidade, tornando-se insignificantes no discurso do cotidiano. O ideal é saber entremear as palavras com o silêncio, como fez, por exemplo, Guimarães Rosa na literatura, Manuel Bandeira ou Carlos Drummond de Andrade na poesia e Chico Buarque na música, este último, particularmente nos anos da ditadura. Essas idéias estão contidas em *As formas do silêncio*, (Editora da Unicamp, 1992), livro mais recente de Eni Pucinelli Orlandi, professora de Análise do discurso do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade.

Numa primeira abordagem, a autora se refere ao silêncio fundador, que é característico da significação. Ela lembra que é importante propor-se uma concepção otimista do silêncio, sem cair na mística do silêncio ou em sua relação com o nada, que significa a morte, a exemplo do que escreveu Shakespeare em Hamlet: "o resto é o silêncio". De acordo com a professora, para se evitar distorções é preciso primeiro destacar que o silêncio não fala, ele significa e, portanto, não o definimos negativamente em relação à linguagem (o que ele

não é) mas em sua relação constitutiva com a significação (o que ele é). "O silêncio é tão ou mais importante que as palavras; seus sentidos são selvagens, enquanto a linguagem é a domesticação desses sentidos", afirma ela, lembrando que é inútil traduzir o silêncio em palavras, sendo possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos.

"Só uma palavra me devora, aquela que meu coração não diz" (Sueli Costa e Abel Silva, *Jura Secreta*) ou "Um livro deve valer por tudo o que nele não deveu caber" (Guimarães Rosa, *Tutaméia*). Segundo Eni, as frases acima sugerem uma reflexão sobre a relação entre silêncio e emoção e silêncio e escrita, respectivamente. Embora ambos os textos contextualizem o silêncio de modo diferente, eles o colocam como elemento indispensável do sentido. De acordo com o capítulo "Os limites do método e da observação", a primeira frase mencionada evoca o canibalismo "devora" presente na cultura brasileira como a antropofagia enquanto real histórico, atestado na literatura européia dos séculos 16 e 17;

ou o canibalismo simbólico, transformado em movimento intelectual, inaugurado pela Semana de Arte Moderna de 1922.

Formas do silêncio - Para escrever sobre as formas do silêncio a professora da Unicamp dividiu o tema em duas partes: o silêncio fundador e a política do silêncio. "O fundador é aquele que torna toda significação possível e a política do silêncio dispõe as cisões entre o dizer e o não-dizer. Este último distingue duas subdivisões, que são o constitutivo (todo dizer cala algum sentido necessariamente) e o local (a censura)", relata Eni em seu livro. Na política do silêncio, todo dizer vem acompanhado de um não-dizer, que também significa.

Para a autora o silêncio não é ausência de palavras. "Impor o silêncio é calar o interlocutor mas impedir-lo de sustentar determinado discurso. Fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos, explica ela, acrescentando ainda que o silêncio e o implícito não coincidem.

Censura - Quanto ao silêncio do ponto de vista local, que significa a censura, a autora dá um mergulho no período nebuloso da história, evocando situações do momento em que a violência da ditadura era mais aguda. Para responder silenciosamente a seus leitores, nessa época os editores de jornais deixavam um espaço vazio em lugar da informação censurada. Como isto foi posteriormente proibido, os editores passaram a substituir esses vazios por receitas de cozinha ou fragmentos do poema épico *Os Lusíadas*, de Camões, no intuito de manter vivos os traços de censura. E os leitores, habituados a seus jornais, sabiam atribuir outros sentidos a esses textos por sua localização: página, lugar, dimensão, natureza da "receita" etc. "O gesto de ler adquiriu um sentido histórico muito particular nesse momento", diz a professora do IEL.

Uma seleção de músicas do compositor Chico Buarque foi também apresentada no livro para melhor ilustrar o período de censura. Entre elas, *Cálice, Rosa dos Ventos, Sinal Fechado, Ciao Ciao Addio, Samba de Orly, Cobra-de-Vidro, Acorda Amor, Meu Caro Amigo, Apesar de Você, Vai Passar, Hino da Repressão, Ópera do Malandro e Palavra de Mulher*.

Essas músicas dizem de maneiras diferenciadas o significado dos sentidos censurados. Ao analisá-las, a autora encontra diferentes procedimentos de construção de sentidos que trabalham o silêncio como forma de resistência. O compositor canta o amor para cantar "outra" coisa. Usa o discurso amoroso para falar do político; compõe a relação com o político através da elaboração de formas distintas de espetáculo musical, como a Ópera; refere-se a fatos históricos do passado reinterpretados, metaforizados; canta lendas nacionais (*cobra-de-vidro*); canta mulheres em seus "sentidos" políticos (*Bárbara,*

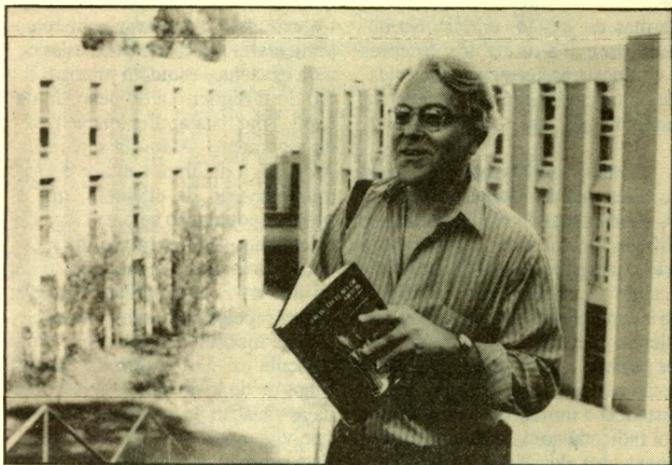
Ana de Amsterdã etc). A palavra "formosa" é mulher bonita, mas pode ser China Nacionalista, se for preciso; usa formas discursivas diferentes, como a carta: se vem de fora significa exílio, e se é daqui para fora significa censura e repressão; e também canta em outras línguas: em espanhol está falando de Cuba; em italiano e francês, de seu exílio; e em português de Portugal, da Revolução de Abril.

Esmiuçando ainda mais as letras de Chico Buarque, Eni Orlandi descreve algumas de suas trajetórias como o jogo com o significante através da rima, por exemplo, (ura/ditadura; ela/Mandela), onde a silenciar um dos termos, no caso o segundo, encaminha justamente para a palavra não-dita. Ou ainda, pela construção de anagramas: por exemplo "diz que tá dura" significa "ditadura". Também se verifica nesse contexto as construções, o uso de proparoxítonas. Em *Cálice* (Médici), o compositor faz uma enfatização de traços morfológicos que permite as associações, o jogo de significantes. Ainda em *Cálice* (cale-se) trata-se da homofonia e da relação segmental som/sentido. Fora a evocação bíblica, afinscrita: "Pai, afasta de mim este cálice", que traz todo o sentido do calvário (religioso/político), e muitas outras analisadas em profundidade e relatadas no livro *As formas do silêncio*.

Além dos nomes já mencionados pela professora do IEL, há ainda o de Mallarmé, o dos compositores Peter Geist, John Cage, Webern, Egberto Gismonti, Eric Satie e o intérprete C. Arrau, em particular. No campo das imagens, ela destaca os filmes *Pai Patrão e Paris-Texas*. "O silêncio não é diretamente observável e no entanto ele não é o vazio, mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos por exemplo no sorriso da *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, no amarelo de Van Gogh, nas grandes extensões e nas pausas", conclui a autora. (L.C.V.)

Educador tece o mito da poesia de Safo

Brasil Fontes mergulha no lirismo da poesia erótica grega.



Brasil Fontes: trabalho sobre a literatura da Grécia antiga.

Em águas que têm a cor das violetas e contornam a ilha grega de Lesbos, a força de atração de um doce-amargo tecelão de mitos trespassa séculos de história e faz resgatar o lirismo da poetisa Safo, após o mergulho imaginário de um filósofo e ensaísta, como no momento em que ela, desiludida de amor, saltava do penhasco de Lêucade, no limiar do século 6 a.C. O passageiro do tempo é Joaquim Brasil Fontes, professor do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. Após seis anos de pesquisas, ele traduziu e interpretou fragmentos originais dos versos e canções nupciais sáficas para a sua tese de livre-docência, escrita em oito meses e recentemente publicada pela editora Estação Liberdade.

Intitulada "Eros, tecelão de mitos — a poesia de Safo de Lesbos", a obra tem sido elogiada pela crítica e é considerada um dos melhores estudos já realizados sobre a literatura da Grécia antiga. Brasil Fontes, licenciado em filosofia e letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, é mestre e doutor em literatura francesa moderna pela Universidade de Besançon, França, e desenvolveu o pós-doutorado na Escola de Altos Estudos de Paris. Na sequência de sua investigação, com a livre-docência na Unicamp, em 1989, ele enfocou o momento de transição de que poetas franceses se voltam para os filósofos gregos, surgindo então o trabalho sobre Eros (na mitologia grega, o filho de Afrodite e Vênus que simboliza a força de atração entre os seres humanos, os animais e a natureza).

O autor relata que a obra tenta entender a palavra poética, provocando um diálogo entre a lírica grega do período arcaico, que se faz no coração

do sagrado, e o que se convencionou chamar de modernidade — marcada pela retração ou ocultamento do que é sagrado. Para isso ele escolheu os poetas Lautréamont, Baudelaire e Rimbaud porque eles representam o aparecimento da poesia moderna. "Procurei assim confrontar o mundo onde a palavra diz a relação do homem com Deus, com aquele mundo onde se canta a ausência divina, segundo o poeta alemão Hölderlin (1770-1843)". Responsável pela transição do período clássico à era romântica, ele acreditava na existência dos deuses ausentes do mundo dessacralizado.

Fragmentos em túmulos - Trabalhos eruditos (alemães, ingleses, franceses, italianos) serviram de fonte para o estudo, assim como fragmentos de inestimável valor arqueológico — primitivamente encontrados em corpos de múmias na cidade egípcia de Oxirincus, sob a forma de enegrecidos papirus, ou em montes de lixo e ainda embrulhando múmias de crocodilos sagrados. Fugindo do ensaio convencional e redigindo um texto que poderia ser situado na fronteira do ensaístico com o ficcional, Brasil Fontes não

dispensou qualquer das diversas imagens que a história e a tradição poética fornecem a respeito de Safo. Desde a de um transgressivo lesbianismo, àquela imagem da poeta que exerce a palavra a serviço das musas.

A obra sáfica, datada de 7 a 6 a.C., de acordo com o pesquisador, "chega até nós extremamente corroida pelo tempo e profundamente restaurada pelos sábios helenistas e filólogos, a partir do século 19. Muitos dos cerca de 600 fragmentos dos poemas encontrados são citações feitas por gramáticos da Antiguidade. Essas aparecem em velhos manuscritos, geralmente recopiados na Idade Média e muitos deles apresentam várias versões diferentes do mesmo texto. Cabe ao historiador da literatura, ao filólogo, ao helenista, determinar a forma mais 'provável' do texto. Dispostos, portanto, de um material que poderíamos chamar de precário, instável, em perpétuo movimento", esclarece o pesquisador.

Os mitos e Eros - Os escritos sáficos são considerados a expressão máxima da poesia erótica da antiga Grécia. Safo vivia em Mitilene, cida-

de da ilha de Lesbos, localizada entre a Grécia e a região que corresponde hoje à Turquia. Pelos relatos históricos a poetisa estaria voltada ao culto das musas e da deusa do amor, Afrodite, e manteria uma escola de educação poética para moças. Nesse aspecto ela é comparada, por alguns autores antigos, ao filósofo Sócrates — na Grécia clássica ele se dedicava ao ensino especialmente voltado aos rapazes. Os antigos insistiam, segundo o docente, no fato de que as relações de Safo e de Sócrates com seus respectivos discípulos eram atravessadas por Eros, sobre o qual Safo escreveu nos seguintes termos:

"Eros/me trespassa e agita, como o vento/que, dos altos montes, desaba/sobre os carvalhos". Ou então, "Eros/doceamargo" e ainda "Eros/tecelão de mitos", verso que inspirou o ensaísta para o título da obra. Brasil Fontes explica que enquanto força que reúne os seres e as palavras, Eros tece os mitos, cria as histórias. Para Safo, em particular, a relação das palavras é atravessada pela força de Eros. Por exemplo, segundo a tradição ela teria se casado e tido uma filha, chamada Kleis, a quem teria escrito o seguinte poema: "Eu tenho uma linda menina, /que parece um ramo de flores douradas: /minha Kleis, meu bem-querer — não a [troco] /por todo o reino da Lídia, nem pela adorável/[Lesbos]".

O passageiro do tempo conta ainda que da lendária história de Safo também faz parte o salto que ela teria realizado do penhasco de Lêucade, por ter se apaixonado pelo jovem barqueiro de nome Fáon. Em sua obra, Brasil Fontes tenta captar a figura da mulher apaixonada naquele preciso momento em que, para se curar do amor, ela está prestes a se lançar no abismo do mar. Segundo uma antiga tradição, este seria um tipo de ritual que purificava o doente de amor, que então ressurgia das águas curado após ser contemplado pelos deuses com bons olhos. "O texto procura, metaforicamente, não apenas colocar o narrador na mesma posição

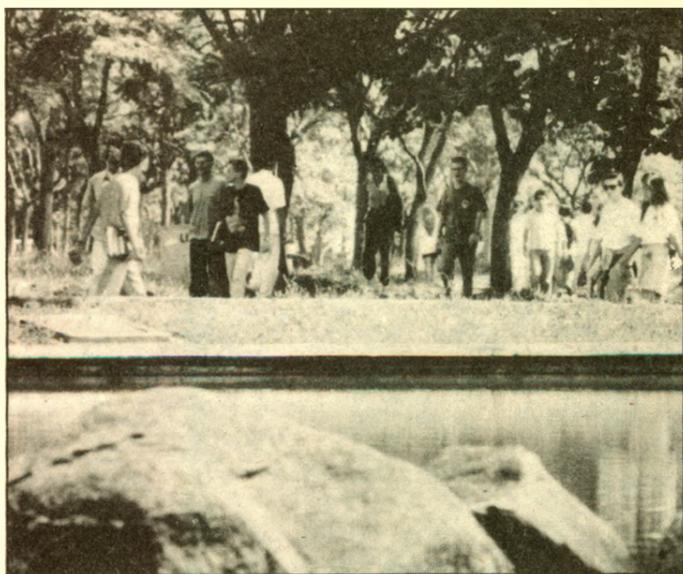
em que se encontra a Safo lendária, como também convida o leitor a fazer com ele o mesmo salto nas águas de cor violeta", revela o autor.

Três leituras - Em suas 538 páginas, "Eros, tecelão de mitos" é atravessado por um diálogo entre a filosofia e a poesia que nunca se resolve absolutamente. Ao sair do circuito acadêmico e fazer um trabalho de poeta, Brasil Fontes apresenta em sua obra — com tiragem limitada de 1.100 exemplares, numerados e assinados pelo autor — um texto que aceita mais de uma forma de leitura. "Há uma camada que solicita a leitura romanesca, com a própria lenda de Safo e seus momentos de exaltação amorosa. Existe uma outra camada a ser feita através da composição textual fragmentada, sendo o tipo de leitura que exige a participação do leitor na construção do texto. Outra é a leitura que poderia ser vista através de uma metáfora musical: o texto se inicia num ritmo que evocaria o impressionismo de Debussy, deriva para um registro operístico, resolve-se durante alguns momentos em exercícios musicais, até quebrar-se naquilo que seria uma composição dodecafônica", descreve o pesquisador.

Nesse momento, assegura o ensaísta, as noções de sujeito e objeto desaparecem e o leitor é convidado a se perder e deslocar-se, para então fazer surgir a voz de Safo naquilo que não é uma tradução, mas um conjunto de variações sobre temas sáficos. "Superior/assim, o cantor de Lesbos aos de outras terras"; em outro fragmento "Parece-me igual dos deuses/ser aquele homem que, à tua frente sentado, /de perto, doces palavras, inclinando o rosto/escuta, /e quando te ris, provocando o desejo; isso, eu juro, /me faz com pavor bater o coração no peito; /eu te vejo um instante apenas e as palavras/todas me abandonam". Entre as ruínas sáficas encontra-se ainda que "o morrer é um mal —/assim o decidiram os deuses, /eles que não morrem". (C.P.)

Reitor apresenta relatório do biênio

Documento sintetiza realizações nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.



A Unicamp caminha em direção ao amadurecimento institucional.

Ao completar dois anos de gestão, o reitor Carlos Vogt apresentou ao Conselho Universitário (Consu) da Unicamp, no dia 26 de maio último, o relatório de atividades do biênio 90-92. O documento sintetiza as principais linhas de trabalho desenvolvidas no âmbito acadêmico, científico e administrativo e — longe de pretender espelhar qualquer ação individual — trata de refletir o esforço conjunto de toda a Unicamp em direção ao seu progressivo amadurecimento institucional. As linhas de trabalho estão inseridas no "Projeto Qualidade", voltado principalmente para o crescimento vertical da Universidade, ou seja, a expansão de sua qualidade. "Na esteira daquela plataforma de trabalho" diz o reitor da Unicamp "tratamos de solidificar e ampliar os limites da autonomia de gestão financeira da Universidade; de responder à confiança da sociedade e do governo, com a contrapartida da responsabilidade administrativa; de dar andamento aos investimentos físicos e de pesquisa iniciados na gestão anterior; de estabelecer novos mecanismos de relações com a indústria; de qualificar a carreira docente através do mérito e da titulação acadêmica; de melhor delinear as carreiras de funcionários e de criar formas de estímulo à produtividade; de normatizar e descentralizar os níveis de decisão administrativa; e, entre outros inúmeros pontos, de organizar e implementar os cursos noturnos".

Autonomia — No capítulo sobre desenvolvimento institucional e administrativo, o relatório destaca alguns fatos de maior relevância como a consolidação da autonomia de gestão financeira, que propiciou maior solidez ao sistema paulista de universidades públicas. Com isso foi possível aumentar a cota-parte e, de cada instituição na arrecadação do ICMS, trazendo benefícios aos

quais a Reitoria procurou "oferecer a contrapartida da plena responsabilidade administrativa". Paralelamente, frente à nova realidade econômica do país e do Estado, foi estabelecida uma política de racionalização que prossegue sem prejuízo aos investimentos essenciais da Universidade.

A política de racionalização incluiu, por exemplo, a redução do quadro de pessoal pela não contratação associada ao remanejamento interno, a extinção de vagas de docentes e de pessoal técnico administrativo, respectivamente não preenchidas até 2 de março e 31 de dezembro de 1989; a normatização do uso da frota, o recolhimento de veículos oficiais, a normatização do uso da frota, o leilão de veículos de representação e o congelamento das dotações de custeio e de capital para 1991, entre outras providências.

Investimentos — Apesar da realidade econômica nacional, foi possível à Unicamp fazer uma série de investimentos. O programa de expansão e melhoramento das instalações físicas do campus teve continuidade; entre construídas, reformadas, benfeitorias e serviços de conservação foram realizadas 1.058 obras com área global de 129.854 m². Atualmente

te encontram-se em execução mais de 35.300 m² de novas obras, entre as quais destacam-se aquelas que beneficiarão diretamente a comunidade ampliação da iluminação pública do campus, ampliação do prédio do Centro de Saúde da Comunidade (Cecom), o prédio definitivo para a escola de primeiro grau, o novo refeitório e a Biblioteca das Engenharias.

No que se refere à pesquisa, a Reitoria se pautou na busca da qualidade operacional do parque de equipamentos existente. A dinamização da política de informática foi uma das medidas concretizadas neste sentido, através do programa de operacionalização de 250 estações de trabalho e do projeto de ampliação da capacidade do computador central IBM-3090. Outro destaque do relatório é a criação de instâncias acadêmicas de relações com a indústria, como o Centro de Excelência em Qualidade. Instalado este ano através de convênio com a IBM-Brasil, o projeto permitiu a introdução do Mestrado em Qualidade e Produto Industrial, vinculado ao Departamento de Estatística do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (Ismec). O curso é pioneiro no Brasil e surge no momento em que a qualificação tecnológica da indústria passa a requerer da Uni-

versidade uma participação mais aguda e específica.

Relações sociais — Ressalta ainda o documento uma série de iniciativas realizadas no campo das relações sociais, abrangendo desde o atendimento de saúde feito pelo sistema hospitalar da Universidade como as relações com o setor de produção de bens e serviços. Atuando como principal centro para uma região de aproximadamente 5 milhões de pessoas, o complexo de atendimento à saúde registrou desempenho ascendente, como demonstram os dados do Hospital das Clínicas (HC): em 1987 foram realizadas 300.618 consultas, contra 327.941 em 1991; exames laboratoriais, respectivamente 373.563 e 1.317.664; internações: 7.973 e 15.199; e cirurgias, 3.657 e 12.139 respectivamente. Entre outros serviços voltados à população, houve a implantação pioneira entre os hospitais universitários do país do Centro Cirúrgico Ambulatorial, que realiza em média 400 cirurgias por mês.

Ainda no contexto social foi criado o Escritório de Transferência de Tecnologia (ETT), que serve a produção tecnológica gerada na Universidade e o setor de bens e serviços. Desde outubro de 1990, quando foi instalado, o ETT foi procurado por mais de 520 empresários de diferentes áreas. A maior demanda tem sido para estudos de diversificações de produção, execução de projetos de automação, prestação de serviços de análise industrial, projeto e execução de peças, máquinas e matrizes. Nas políticas de aproximação se destacaram os setores de máquinas agrícolas, cerâmica, farmacêutico e de tecnologia de plásticos.

Outra iniciativa concretizada no biênio, a fim de facilitar as relações entre o empresariado e os centros universitários, foi a instalação do Instituto Universidade-Empresa um desdobramento natural do processo deflagrado pela criação do ETT na Unicamp. As atividades culturais também foram inseridas no contexto social, como a intensificação dos programas oferecidos pela Escola de Extensão (Extcamp). Esta tem como objetivo

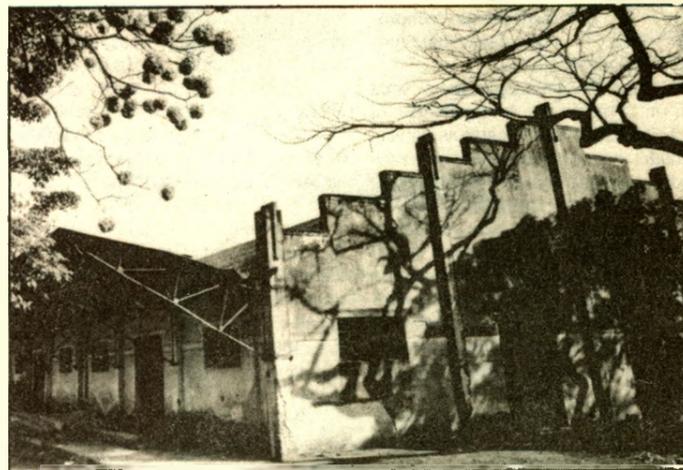
coordenar e apoiar os cursos extracurriculares oferecidos pelas unidades de ensino e pesquisa à sociedade em geral. Dados do biênio indicam que foram desenvolvidos 330 cursos e 383 haviam sido oferecidos, resultando no atendimento a 3.421 alunos.

Desempenho do ensino — Inserido no contexto do "Projeto Qualidade", o ensino também apresentou balanço satisfatório. Enquanto a graduação se pautou na melhoria das condições de estrutura existente e no aprimoramento dos mecanismos institucionais, nos pós-graduações o esforço da qualificação acadêmica levou a um aumento expressivo do número de defesas de teses. Entre 1990 e 1991 foram defendidas 1.336 teses, das quais 596 em 1990 (461 mestrado e 135 doutorado) e 740 no ano seguinte (544 mestrado e 196 doutorado). A produção responde a mais de 25% do total da história da pós-graduação da Unicamp. O relatório registra ainda que em 1991 a produção no doutorado atingiu a marca de 28% do total. O aumento da produção é um claro indicador de mudanças de concepção especialmente no mestrado e de um acompanhamento mais rigoroso no cumprimento dos programas.

Em relação às demais universidades, destaca-se a Unicamp mostrou excelente desempenho no ranking da avaliação pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Dos 47 cursos de mestrado avaliados, 34 (72,34%) receberam conceito A, nove mereceram B (19,15%) e quatro (8,51%) alcançaram C (por serem recentes, 23 cursos não foram ainda avaliados). Já no doutorado o desempenho foi o seguinte: conceito A para 21 cursos (75%), B para seis (21,43%) e C para um curso (3,75%) do total de 28 avaliados (32 ainda não foram). Atualmente estão reconhecidos ou credenciados junto ao Conselho Federal de Educação (CFE) 34 cursos de mestrado e 12 de doutorado, sendo que os últimos foram mestrado em Engenharia de Petróleo, Ciência da Computação, Matemática, Ciência da Nutrição, Engenharia Agrícola e Ciência Política. (C.P.)

Unicamp e IAC instalam incubadora de empresas

É a primeira em todo o interior do Estado.



O antigo depósito de sementes abrigará 12 empresas nascentes.

O setor agropecuário brasileiro, com expressiva participação no Produto Interno Bruto, conta agora com um novo incentivo: o projeto de incubadoras empresariais tecnológicas (IET). Idealizado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, para abrigar empresas nascentes da agroindústria em regiões estratégicas, o projeto funcionará como atalho que auxilia o empresário na travessia entre o mundo da pesquisa e sua própria realidade, e exige qualidade, produtividade e preço. A primeira incubadora será instalada na vizinhança da Unicamp, num antigo depósito de sementes do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), localizado na Fazenda Santa Eliza.

Um importante passo para a efetivação do projeto ocorreu em 25 de junho último, quando foi assinado na Universidade o protocolo de cooperação técnica, científica e tecnológica entre as Secretarias de C&T e de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, o IAC e a Uni-

camp. O protocolo tem a finalidade de elaborar estudos, programas e projetos conjuntos, visando a criar condições para a implantação da incubadora empresarial de Campinas, que deverá estar ativa no início de 1993. Sua proximidade ao campus permitirá o fácil acesso aos recursos técnicos e laboratoriais para a realização de ensaios e testes, o que abrevia o desenvolvimento do produto, processo ou serviço, bem como a sua colocação no mercado.

A incubadora terá capacidade para abrigar, em seus 900 metros quadrados, até 12 empresas nascentes, sejam de egressos da Universidade ou não, desde que apresentem produtos com potencial de mercado. As empresas serão selecionadas pela comissão técnica constituída por representantes dos quatro órgãos e instituições que assinam o convênio. Pelo uso racional e compartilhado de instalações, serviços e consultorias, cada participante pagará valores de locação inferior-

res aos de mercado. Essa é a alternativa oferecida para que os futuros ou pequenos empresários consigam ultrapassar barreiras burocráticas, técnicas e comerciais que surtem quando uma nova empresa começa a operar.

Caminho a seguir - Ao assinar o documento que efetiva a instalação da primeira incubadora o reitor da Unicamp, Carlos Vogt, afirmou que a iniciativa da Secretaria de C&T aponta para a vocação agrícola do país. Para ele, essa cooperação mostra qual o caminho que os dois segmentos — de pesquisa e empresarial — devem seguir. "De um lado se tem a empresa nascente em agroindústria e, de outro, o projeto de pesquisa. A incubadora é a porta de saída dos projetos de desenvolvimento tecnológico realizados nos institutos de pesquisa rumo à sociedade e com tecnologias avançadas, atualmente não disponíveis no mercado. "É mais um passo efetivo na integração universidade-empresa", declarou o secretário da Ciência e Tecnologia, Luiz Carlos Delben Leite.

Para o diretor geral do IAC, Ondino Cleante Bataglia, com o projeto de incubadoras de empresas a agricultura conquista um importante espaço no desenvolvimento tecnológico e na pesquisa. Ao custo mensal de

Cr\$ 15 milhões apenas com manutenção, na primeira incubadora deverão ser desenvolvidos produtos com trigo, hortaliças e até mudas de plantas ornamentais, sem descartar dois importantes segmentos agroindustriais: citricultura e cana-de-açúcar. O secretário estadual de Agricultura e Abastecimento, José Antonio Barros Munhoz, também presente à assinatura do protocolo, afirmou que as incubadoras irão motivar a geração de tecnologia à atividade agroindustrial.

Os institutos de pesquisa entram com a mão-de-obra especializada, sendo que a Unicamp também participa com recursos laboratoriais e reformas no prédio, cedido pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento e pelo IAC. Em países como Inglaterra, Holanda e Bélgica, projetos semelhantes não são realizados com sucesso. No Brasil, embora esta seja a primeira incubadora de empresas, há também experiências semelhantes em São Carlos, no interior paulista, e em Santa Catarina. A Secretaria da Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico está agora localizando estudos sobre os próximos locais onde deverão ser implantadas novas incubadoras de empresas. No momento, planeja-se a instalação de uma unidade junto à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), em Piracicaba. (C.P.)

Simpósio toma o pulso da C&T

Especialistas apontam as contradições da política científica e tecnológica do país.

Até menos de uma década do final do século, a Ciência e a Tecnologia continuam sendo consideradas verdadeira tábua de salvação para os problemas que afligem a humanidade. Nessa questão não há divergência entre países ricos e pobres. Na C&T estão depositadas esperanças quer da resolução de importantes problemas ambientais como a abertura na camada de ozônio ou a descoberta de uma vacina contra a Aids, a peste dos tempos modernos. Nunca os cientistas foram tão prestigiados. Já vai longe a época em que Galileu teve que aceitar a teoria do geocentrismo (em que a Terra era o centro do Universo) para escapar das fogueiras da Inquisição.

Embora o reconhecimento das descobertas científicas se propague pelos quatro cantos do planeta, a ciência e a tecnologia caminham de acordo com as injunções políticas dos governantes das nações que as produzem. Enquanto nos países desenvolvidos a destinação de recursos para C&T varia de 2 a 3% do Produto Interno Bruto, no Brasil, apesar de inúmeras promessas, este índice, que em seus melhores momentos chegou a atingir 0,7%, hoje não passa de 0,5%. A comunidade científica brasileira reclama da depauperação dos laboratórios de pesquisa e da drástica redução dos investimentos no setor. Há quem diga, no entanto, que o dinheiro empregado não é bem aproveitado e que os desperdícios grassam sem o devido retorno para a sociedade.

A saída encontrada pela área científica e pelo setor empresarial, que vem assistindo a obsolescência de seu parque industrial, passa pela integração entre universidades-empresa e institutos de pesquisa. Para discutir as perspectivas de C&T, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unicamp reuniu, nos dias 27 e 28 de maio último, pesquisadores, empresários, representantes de órgãos de fomento e dirigentes da política científica no país. O quadro traçado no seminário intitulado "Universidade, ciência e tecnologia" não é animador e exige ações práticas para a salvaguarda da C&T no país.

Situação atual — O panorama atual das universidades brasileiras é variado. Enquanto as estaduais paulistas gozam de raro prestígio, as federais encontram-se em situação pouco confortável em função da dependência dos cofres do Ministério da Educação, que andam escassos. Segundo o físico Luiz Carlos Menezes, responsável pela coordenação executiva das atividades administrativas da USP, (Universidade de São Paulo), "há uma grande desesperança sobre o futuro das federais face à dramática situação de quase insolvência". Nesse contexto, Menezes, acha que as estaduais paulistas assumem grande responsabilidade frente ao desenvolvimento econômico e social do país. Sem negar a "qualificação razoável" de algumas federais, Menezes culpa o modelo único imposto pela legislação ao sistema universitário brasileiro que, a seu ver, precisa ser reformulado face à diversidade regional.

O físico manifestou sua preocupação com a continuidade dos grupos de pesquisa comprovadamente atuantes e seus laboratórios. Disse que não há nenhum grupo que resista a dois anos de paralisação. Na sua opinião, existem alguns pontos fulcrais que não podem ser interrompidos sob o risco de se levar pelo menos 10 anos para a sua recuperação. "Nesse sentido, estamos claramente ameaçados", observou.

O repasse de tecnologias já dominadas nos anos 60 e 70 para as pequenas e médias empresas foi colocado como um importante papel a ser assumido pelas universidades, face à difícil situação do parque fabril brasileiro. Segundo Menezes, "se cuidarmos apenas da ponta, de tecnologias



Mares Guia, do CNPq: sem possibilidade de recursos adicionais.



Jorge Nagle, da Fapesp: receio de aplicar recursos sem orientação.

s sofisticadas, estaremos construindo um topo da pirâmide com o esfacelamento da base". Para ele é necessário atuar também na resolução dos problemas de rotina e desenvolver a formação de mão-de-obra intermediária — contingente raro no Brasil. "Precisamos pensar numa estratégia mais modesta de auto-preservação nacional para erguer o patamar produtivo dessas empresas, em lugar de pensarmos apenas nos problemas de fronteira".

O reitor da Unesp, professor Paulo Milton Barbosa Landim, manifestou sua preocupação com o "isolamento" em que se encontram as universidades brasileiras. Acredita que as universidades devam desenvolver tecnologia de ponta sem que, ao mesmo tempo, deixem de verificar e atuar sobre a demanda que existe a seu redor.

A preocupação com a redução dos investimentos em C&T não se limita aos dirigentes das instituições. Os pós-graduandos de todo o Brasil, que somam 44 mil estudantes e são responsáveis por cerca de 75% da produção científica do país, estão temerosos com a situação atual. Representando a Associação Nacional de Pós-Graduação (APG), a pós-graduada Evelin Mônica Paturi Navarro falou do atraso frequente no pagamento das bolsas e do seu receio quanto ao futuro da categoria enquanto pesquisadores. Evelin disse que nunca a comunidade científica esteve tão frágil.

Universidade-empresa — O presidente da Rhodia, Edson Vaz Musa, membro da diretoria do Instituto

Universidade-Empresa (Uniemp), é um incansável defensor da integração universidade-empresa. Segundo ele, as empresas brasileiras pecam pelo baixo nível de qualidade de seus produtos. E o desenvolvimento tecnológico oferecido pelas universidades pode ser a melhor saída.

Numa demonstração inequívoca da importância que o empresário dá a uma relação efetiva entre as universidades e as empresas, Musa anunciou, durante o encontro na Unicamp, a criação de um conselho científico na Rhodia. Este conselho, instituído no dia 1º de junho último, é o primeiro a ser instalado numa empresa brasileira. Formado por pesquisadores de diferentes universidades do país, o conselho tem por objetivo o desenvolvimento de novos produtos e processos de produção, além de antever revoluções tecnológicas em diversas áreas para que a empresa invista na direção certa.

Financiamento — O presidente do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq), Marcos Luiz dos Mares Guia, também não traçou um panorama favorável ao desenvolvimento da ciência brasileira. Embora o Plano Plurianual, que vai até 1995, preveja uma injeção significativa de recursos para o CNPq em 1993, este ano, considerado de "travessia", não tem sido dos melhores. "Não há qualquer possibilidade de recursos adicionais", afirmou.

Na verdade, o orçamento da entidade para este ano, no valor de US\$ 380 milhões, é curto para atender aos

compromissos. Mesmo porque, até agora, a Secretaria recebeu apenas 16% dos recursos a ela destinados. Na repartição das verbas, 70% vão para as bolsas de estudos. Os 30% restantes são destinados entre auxílio à pesquisa e a equipamentos, administração e operacionalização do CNPq. Ainda assim, o dinheiro em caixa é exclusivamente para o pagamento de bolsas. "Não tivemos ainda condições de pagar os auxílios à pesquisa aprovados em maio do ano passado", afirmou o presidente do CNPq.

Os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), uma das principais fontes de financiamento à pesquisa ligadas à Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), assistiu a uma queda histórica em seus valores. Enquanto em 1975 o FNDCT tinha US\$ 250 milhões, em 1990 apenas US\$ 30 milhões foram destinados ao setor. Seu orçamento para 92 é de CR\$ 133 bilhões. Entretanto, a primeira liberação dessa verba, no valor de CR\$ 2,36 bilhões, que representa apenas 1,76% do orçamento do ano, aconteceu apenas no final de abril.

Segundo o diretor da Finep, Wilson Chagas de Araújo, dentro do orçamento deste ano já existe um déficit (projetos em execução) de CR\$ 30,9 bilhões e uma demanda em carteira de CR\$ 153,7 bilhões em projetos já aprovados. "É uma verdadeira camisa de força", desabafou.

A Fapesp (Financiadora de Estudos e Projetos) do Estado de São Paulo é um dos poucos órgãos de fomento do país que não sofreram com pro-

blemas de caixa. Recebe religiosamente em dia, de acordo com seu presidente, Jorge Nagle. Até pouco tempo a Fapesp financiava apenas projetos individuais. Agora introduziu os projetos temáticos. Com a duplicação dos recursos de 0,5% do ICMS do Estado para 1%, atuará também no desenvolvimento tecnológico. Até então, lidava apenas com pesquisa básica.

Apesar do novo direcionamento nos recursos da Fapesp, que foram estabelecidos sem prejuízo à pesquisa básica, Nagle está preocupado. "O que me inquieta é que não temos muita segurança sobre uma política tecnológica para o Estado de São Paulo. Há um desconhecimento relativamente grande de nosso parque industrial e temos receio de colocar dinheiro sem orientação. Não sabemos o que vai ocorrer com as empresas".

Cenário — O cenário possível para a sobrevivência da C&T na conjuntura atual aponta para a necessidade de cooperação. "Ninguém vai sobreviver sozinho. Em época de escassez de recursos, não dá para duplicar equipamentos. É necessário humildade. É impossível ter um supercomputador em cada universidade brasileira", afirmou o secretário adjunto da Secretaria de Ciência e Tecnologia da Presidência da República, Luiz Bevilacqua.

De um orçamento de US\$ 320 milhões previsto para 92, a Secretaria de C&T da Presidência da República havia recebido até o final de maio apenas 16% (cerca de US\$ 50 milhões). "A situação é bastante crítica", disse Bevilacqua durante o encontro na Unicamp. Para minorar o problema está pedindo a liberação imediata de pelo menos CR\$ 280 bilhões. Desses, CR\$ 100 bilhões serão destinados às bolsas, CR\$ 150 bilhões à Finep e CR\$ 30 bilhões para os 15 institutos que integram o sistema federal, entre eles o Inpe, Laboratório Nacional de Luz Síncrona e o Inpa.

"O governo demonstra seu interesse pela C&T, elabora um orçamento e, na prática, não tem recursos de caixa". Esse é o cenário real da ciência e tecnologia traçado no encontro pelo reitor da Unicamp, Carlos Vogt. Por isso, o clima de inquietude é muito grande, acredita Vogt, para quem o cenário é "bastante pessimista e até mesmo perverso", na medida em que depois de investimentos maciços em determinadas pesquisas joga-se tudo para o alto com o risco de sucateamento do setor.

Um cenário alternativo passa, segundo o reitor da Unicamp, por investimentos feitos de modo qualificado através de programas estratégicos e direcionados às reais necessidades do país. No contexto das universidades brasileiras, ele disse que "já passamos a fase da disputa quase antropofágica em que cada uma se fechava em si mesma. O momento é de cooperação. Precisamos deixar de generalidades, a idéia de que somos capazes de fazer tudo. É preciso mudar não só o projeto de C&T mas também a mentalidade de gerenciamento do país, de cada instituição e das empresas em torno de um projeto discutido por todos os atores envolvidos. Se não fizermos isso não haverá solução", disse.

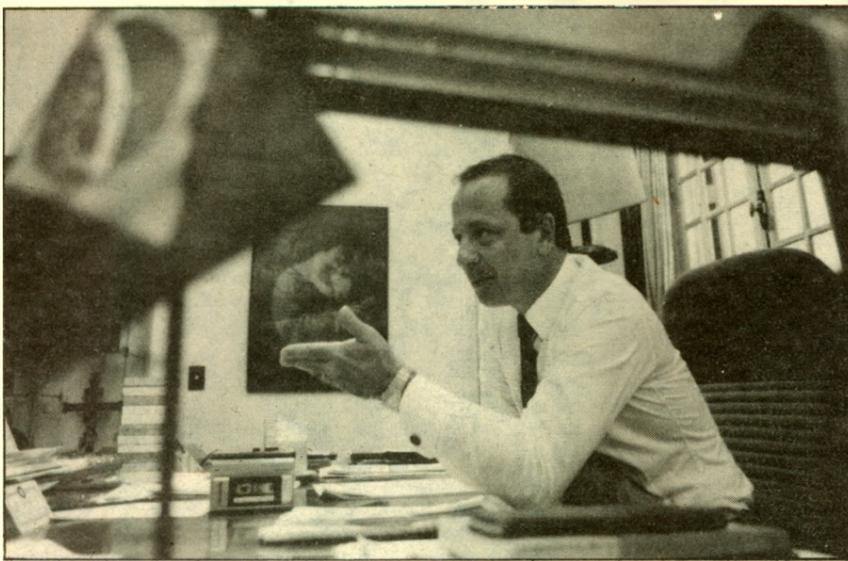
Para Vogt o que existe de mais grave no país não é a falta de recursos, mas a falta de qualidade e de escolha para que o investimento se faça de maneira produtiva. "A verdade é que nunca se constituiu com clareza uma política de C&T no país. Tivemos apenas arremedos. O ex-presidente José Sarney chegou com 2% do PIB e nunca chegamos à metade. Além disso, o desperdício ainda é grande. Em fevereiro deste ano o jornal "Gazeta Mercantil" mostrou que o setor industrial brasileiro perde 1% do PIB por falta de controle de qualidade. São US\$ 44 bilhões, praticamente 1/3 da dívida brasileira. Outro aspecto igualmente importante é que enquanto a média mundial de rejeição de peças num lote de um milhão é de 200, no Brasil esse número é de 25.700 peças defeituosas. Estamos jogando dinheiro fora", concluiu. (G.C.)

Luiz Carlos Delben Leite

Fatos em vez de retórica

Há quase um ano à frente da Secretaria de Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo, o economista e empresário Luiz Carlos Delben Leite imprimiu um novo ritmo de trabalho na Secretaria. Semanalmente seus assessores produzem relatórios sobre as atividades programadas. Empenha-se para que nada escape a seu controle. Sua experiência na iniciativa privada (a Manix, empresa de sua propriedade, produz máquinas para a indústria gráfica) e na presidência da Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos) contribuiu para uma mudança substancial no cotidiano da Secretaria.

O estilo de trabalho de Delben Leite, com decisões rápidas e aferição constante dos projetos da Secretaria, contagiou os assessores dos oito grupos de trabalho que têm a tarefa de elaborar e executar os planos do órgão. O principal desafio é a modernização do parque industrial de São Paulo. Para isso conta com o apoio das universidades paulistas e dos institutos de pesquisa. Em entrevista ao *Jornal da Unicamp*, Delben Leite fala de seus planos para a "alavancagem" do desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo mediante uma perfeita articulação entre o setor produtivo e a C&T.



Delben Leite: estabelecer prioridades com retorno rápido e eficiente.

lar e participar da instalação de parques tecnológicos em todo o Estado de São Paulo com vistas ao desenvolvimento de produtos que contemplem alta tecnologia, de tal forma que possam contar com a própria infraestrutura das universidades e seus laboratórios para que as novas empresas possam desenvolver seus próprios produtos.

JU - De que maneira o senhor pretende articular a integração entre os institutos de pesquisa e as universidades face à tradicional competição entre esses órgãos?

Delben - Os tempos modernos, aliados às carências de recursos, acabam determinando um pragmatismo maior no tratamento dessas questões. Os pesquisadores já se dão conta de que a nova realidade exige que nos unamos para somar esforços com o objetivo de alavancarmos o desenvolvimento econômico. Esse desenvolvimento permitirá também, por sua vez, a alavancagem da própria pesquisa, tanto básica quanto aplicada, na medida em que possibilitará o carreamento de novos recursos para as pesquisas que hoje dependem quase que exclusivamente do Estado.

JU - Como o setor privado poderá injetar recursos em pesquisa se ele mal pode se sustentar?

Delben - Temos limitações impostas pela política econômica do governo federal e sobre as quais não temos nenhuma capacidade de atuar. A alternativa é denunciar, procurar chamar a atenção das autoridades para a realidade do dia-a-dia e para as reais necessidades que o país tem em termos de desenvolvimento e de criação de novas oportunidades de desenvolvimento e de criação de empregos em São Paulo a mesma miserabilização que estamos assistindo no país. Esse esta-

estudo visa justamente trazer todas as informações do acervo tecnológico que o Estado dispõe para o setor produtivo. Esse será mais um instrumento de integração entre os dois setores. Na verdade, não estamos fazendo nenhuma novidade. Estamos tentando simplesmente restaurar um passado que já existiu. O que importa é a criação de um sistema dinâmico que possa ser realimentado permanentemente. O sistema deverá entrar em rede estadual em agosto deste ano. Em seguida será conectado à rede nacional e internacional.

JU - O discurso federal tem sido favorável ao investimento em C&T. Entretanto, na prática, o que se verifica é um decréscimo acentuado nesses investimentos. A que o senhor atribui essa dicotomia?

Delben - Temos ouvido um discurso permanente de modernidade, de competitividade e de

desacertos que estamos vivendo.

JU - A política estabelecida pelo Ministro Hélio Jaguaribe destinando 70% dos recursos para a pesquisa aplicada e 30% para a básica, além da fixação de áreas prioritárias, não poderia representar, a médio prazo, um prejuízo para o desenvolvimento da ciência no país?

Delben - Talvez não devamos fixar tão rigidamente esses percentuais nem inibir a pesquisa básica porque ela é necessária e todos sabemos disso. Entretanto, é preciso estabelecer prioridades sem criar cartórios. Esse é o ponto. Quando se fala em química fina está se falando num mundo tão vasto que, na verdade, não se está priorizando nada. Temos que ser mais específicos e estabelecer prioridades que, efetivamente, sejam capazes de trazer um retorno rápido e eficiente para o país. O primeiro ponto seria discutir com a sociedade, com o meio acadêmico e com o setor empresarial quais são essas prioridades. Qual é, afinal, o projeto do Brasil? Em São Paulo, vamos tentar estabelecer essas prioridades ainda este ano.

JU - Em que estágio se encontra o projeto do Centro de Supercomputação para o Estado de São Paulo?

Delben - Nossa idéia é estudarmos a instalação desse centro mediante um prévio projeto que estabeleça, com absoluta clareza, qual será o emprego do supercomputador. Precisamos saber quais serão as áreas abrangidas por seu trabalho, qual o grau de ocupação e a demanda existente para potencializar ao máximo a utilização desse centro.

JU - Essa visão da universidade como prestadora de serviços à comunidade não pode prejudicar a função para a qual foi criada ou esse é o caminho natural dos tempos modernos?

Delben - Evidentemente tem que haver um certo equilíbrio entre tudo isso. O objetivo maior, que é o ensino em si, jamais poderia ser prejudicado. Parece-me que os países do pri-

Jornal da Unicamp Sua origem empresarial imprime um novo ritmo ao trabalho nas relações de C&T. O senhor encara essa função frente à Secretaria, após quase um ano de trabalho?

Luiz Carlos Delben Leite - A missão que me foi confiada pelo governo Fleury representa um grande desafio, na medida em que eu não tinha nenhuma experiência no setor público. O universo de problemas com os quais temos de tratar no dia-a-dia é muito diverso. O horizonte, mais vasto. As três universidades paulistas são paradigmas dentro da própria América Latina, dado o seu grau de eficiência e de excelência. Contam com reitores que compreendem o trabalho que têm a frente e parecem dispostos a contribuir para a modernização da estrutura universitária do Estado de São Paulo.

JU - Durante muito tempo as pesquisas geradas nas universidades paulistas e institutos ficaram nas prateleiras e as tecnologias já dominadas não foram incorporadas ao setor produtivo. Como o senhor pretende estabelecer esse elo de ligação para reduzir o gap tecnológico de nosso parque industrial?

Delben - Estamos procurando efetivar a tão decantada integração universidade-empresa atra-



"Devemos implantar programas de modernização em cerca de 20 setores".

vés de ações práticas. Vamos verificar os problemas tecnológicos e a partir da identificação dos gargalos existentes procuraremos desenvolver novos processos de produção e equipamentos capazes de alterar a qualidade e a produtividade dos diferentes setores. Nesse trabalho conjunto pretendemos promover a modernização desses setores. A universidade pode vir a contribuir também com a formação de recursos humanos. Eventualmente, se detectada a necessidade de instalação de um laboratório de controle de qualidade de produtos, estimularemos e até participaremos de todos os esforços para a sua instalação. Devemos implantar esse programa de modernização em cerca de 20 setores ainda durante o exercício de 1992. Estamos fazendo isso no pólo diamantário e no escaladista em Franca, no pólo de rochas ornamentais na região de Nazaré Paulista e no setor de cerâmica vermelha em Ourinhos, Itu e Porto Ferreira. Já temos todos os estudos para a modernização do pólo metal-mecânico de Limeira, do pólo têxtil de Americana, do setor de móveis e madeira em Itatiba e São José do Rio Preto. Estamos também procurando estabu-

do de miserabilidade está impedindo que o cidadão goze do direito mínimo de um emprego e de esperança. Através do programa de modernização empresarial estamos também promovendo cursos de renovação tecnológica sobre técnicas de gestão.

JU - A Fapesp vem tradicionalmente apoiando a pesquisa básica. Com a duplicação recente de seus recursos passará a apoiar também a pesquisa aplicada?

Delben - Sem dúvida essa é uma discussão que estamos buscando travar junto à Fapesp. Tem havido uma compreensão grande com relação a esse aspecto. Quando foi aprovado na Assembléia Legislativa o aumento de 0.5% do ICMS do Estado por 1% havia já, previamente, a intenção de que parcela desses recursos fossem destinados à pesquisa aplicada sem desassistir a pesquisa básica.

JU - Qual será a função do Censo Tecnológico?

Delben - O Censo Tecnológico permitirá a instalação do Sistema Paulista de Informações Tecnológicas a partir de levantamento nas universidades estaduais e institutos de pesquisa. O

priorização para o setor de C&T no país. Por um lado, você ouve um discurso até empolgante porque tem na sua essência uma pregação adequada. Só poderia atribuir isso a um desconhecimento mais aprofundado dos problemas brasileiros. Não acredito, porém, que com recessão, miséria, desemprego, fome e aumento da criminalidade vamos resolver os problemas do Brasil. Não é por aí.

JU - Seria admissível esse desconhecimento da realidade brasileira pelas autoridades?

Delben - É inconcebível, inadmissível. Mas é claro que existe. A título de combater a inflação como se ela representasse todos os males do país e sem conseguir, na verdade, sequer reduzi-la, estamos destruindo o sistema científico e tecnológico do país. Destruímos os laboratórios das universidades. Conseqüentemente, destruímos a escola básica, o sistema de saúde e o previdenciário. Estamos destruindo todo o parque produtivo do país e jogando as nossas empresas em direção à falência e à concordata sem resolver o problema que foi colocado como o inimigo maior do Brasil: a inflação. Se formos nos aprofundar na análise, vamos ver que o Brasil não consegue desinflar há 12 anos. Vem tentando segurar a inflação via processos recessivos, à exceção do período 85/86 com o Plano Cruzado. E, na verdade, o que aconteceu? Reduzimos a produção do país e mantivemos o Produto Interno Bruto (PIB) estacionado. Se considerarmos a inflação externa, esse PIB real caiu e tivemos um acréscimo populacional da ordem de 30 milhões de pessoas. Conseqüentemente, temos um bolo menor para dividir por um número muito maior de pessoas. Ou seja, empobrecemos todos os brasileiros. Acho que uma política bem concebida e realmente voltada para seus objetivos de atender aos interesses da sociedade seria muito bem vinda e teria o condão de restaurar as perspectivas do país. Agora, politicagem, clientelismo e todas essas distorções que surgem é que realmente acabam por provocar todos os

meio mundo nos ensinam que esse é o caminho correto para que possamos acelerar o grau de desenvolvimento econômico e social do país.

JU - Qual é o orçamento atual da Secretaria? É possível que supere a área de C&T do governo federal?

Delben - Sim, o que nos confere uma grande responsabilidade. Computando todo o orçamento de inclusive das universidades, o que representa cerca de US\$ 1 bilhão e 200 milhões. No âmbito do Estado de São Paulo temos procurado valorizar cada tostão que nos chega às mãos, reduzindo os gastos e utilizando os recursos com a maior parcimônia possível.

JU - Como vão as negociações sobre os recursos externos que estão sendo buscados no BIRD e no BID?

Delben - São projetos da Secretaria envolvendo as três universidades estaduais Unicamp, USP e Unesp. No âmbito do Banco Mundial envolve também o Instituto Tecnológico (IPT). O total de recursos solicitados é da ordem de US\$ 370 milhões. O projeto completo é de quase US\$ 740 milhões. O projeto BID contemplaremos fundamentalmente a infra-estrutura universitária, e no BIRD o programa de integração universidades, empresas e institutos de pesquisa. As perspectivas me parecem muito boas. Estamos agora descendo ao detalhamento. Teremos brevemente a visita dos técnicos dos bancos para finalizarmos os projetos em todos os seus pontos e vamos torcer para que dê tudo certo. Os recursos, se aprovados, devem chegar no Brasil a partir do ano que vem.

JU - Como está o projeto dos especialistas estrangeiros?

Delben - Estamos em fase de avaliação e acredito que já no mês de agosto poderemos começar a receber os técnicos no Brasil. São 82 projetos que trarão 110 especialistas da Rússia, dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Inglaterra, da África do Sul, de todos os cantos do mundo. (G.C.)

Tese rastreia luta de doqueiros

Porto de Santos está na origem da tradição sindical no Brasil.

O projeto de modernização dos portos brasileiros, em tramitação no Senado, traz à discussão um tema que divide capital e trabalho. Os trabalhadores do porto, temerosos em perder algumas vantagens conquistadas após muitos anos de luta, são contrários às mudanças. Os setores do capital envolvidos no porto vêem a mudança como uma nova forma de obter mais lucros. "Vão acabar entregando o porto aos interesses do capital, como sempre ocorre na história do país", afirma o historiador Fernando Teixeira da Silva, embaixador por uma recém-terminada pesquisa sobre "Os doqueiros do Porto de Santos", que envolve o período de 1937 a 1968.

"Os portuários têm a tradição de não alterar a sua organização de trabalho", diz Fernando. Não por acaso que portuários de todo o Brasil paralisaram suas atividades no mês passado, em busca de alternativas de negociação em torno do projeto do governo. A greve terminou, mas ficou a ameaça de novas manifestações. E os doqueiros, alvo do trabalho que resultou em uma tese de mestrado defendida em fevereiro na Unicamp, sempre estiveram na vanguarda do movimento. "Os doqueiros sempre foram uma categoria estratégica, pelo fato de depender deles a movimentação de carga no mais importante porto do país", diz Fernando Teixeira.

Para chegar a conclusões sobre essa posição estratégica, Fernando Teixeira vasculhou, nos últimos cinco anos, diversos arquivos em Santos, São Paulo e no Rio de Janeiro, onde a Companhia Docas de Santos, administradora do porto até 1980, mantinha sua sede. Sua tese, defendida junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp radiografa a vida social e política dos doqueiros do Porto de Santos. "Pretendia estudar a relação de trabalhadores com governos populistas e escolhi os doqueiros por se tratar de uma categoria privilegiada", definiu o historiador. E encontrou um vasto material, que vai do Estado Novo à consolidação do regime militar de 1964, com semelhanças e paralelismos marcantes.

Greve dos 19 dias - Antes de ser administrado pela Codesp (Companhia Docas do Estado de São Paulo), o porto de Santos foi concessão da família Guinle, no período entre 1890 e 1980. Nos anos 30 e 40, quando os sindicatos dos portuários estiveram sob intervenção e muitos direitos suspensos, os doqueiros — responsáveis pelo carregamento e descarga dos navios — e outras categorias passaram por privações e pressões. Viam-se obrigados a trabalhar com



Tese radiografa a vida social e política dos doqueiros.

equipamentos obsoletos, em jornadas de até 24 horas, sob ordens de verdadeiros carrascos.

Em 1945, por exemplo, os doqueiros fizeram uma greve de 19 dias, reivindicando 40% de aumento salarial. Ocorreu 15 dias antes de terminar a Segunda Guerra Mundial, num momento onde os movimentos eram proibidos pelo Estado Novo. A revelia do sindicato, os doqueiros conseguiram adesão de 100% da categoria, apesar das medidas governamentais para tentar esvaziar a ação. Até ferroviários foram levados ao porto, sem sucesso, para substituir os doqueiros em seu trabalho. Enquanto isso, o governo de Getúlio Vargas não se mostrava disposto a atender às reivindicações.

Através de um telegrama à esposa de Getúlio — as correspondências eram triadas e raramente chegavam ao seu destino —, os trabalhadores conseguiram que o presidente da República enviasse um representante a Santos. O comandante Mario Celestino ouviu trabalhadores e governo e, quase de imediato, atendeu a todos os pedidos. Percebia-se, então, que apenas greves com forte adesão tinham poder de barganha.

Com o fim da guerra, os diversos sindica-

tos de portuários de Santos passam a ser dominados por comunistas. Foi quando houve o boicote aos navios espanhóis, em 1946, em represália à política do ditador espanhol Francisco Franco. Por quatro meses navios espanhóis não descarregaram no porto de Santos. Os comunistas foram dizimados do poder ao final daquela década, durante o governo Dutra. Nos dez anos seguintes foi a vez dos petebistas assumirem o controle, aproveitando-se da popularidade de Getúlio Vargas. "Era um sindicalismo de idéias trabalhistas, que negociava para se contrapor à intransigência das Docas", explica Fernando. As conquistas, seja qual fosse a liderança, concretizaram-se após muitas lutas e movimentos grevistas.

Produção - Uma das conquistas só se concretizou em 59, quando os doqueiros, reticentes às mudanças, enfim aceitam o projeto de salários por produção, desde que recebessem também as horas extras. Essa mudança foi demorada, já que não abriam mão de trabalhar e ganhar por hora, uma realidade de quase 30 anos. Mais tarde, em 1965, são obrigados por lei a revezamentos semanais. Antes, porém, nos



Fernando: estudo sobre portos.

A luta no tribunal

A primeira batalha dos portuários, que desejam manter conquistas de anos, foi perdida no final de junho. A Câmara dos Deputados aprovou o projeto de modernização dos portos, que tira, principalmente do Sindicato dos Estivadores, a garantia de contratar todo o serviço dos estivadores do cais. O assunto voltará a ser discutido pelo Senado, no mês que vem, daí saindo a decisão final e, depois, a sanção do presidente da República. Inconformados com a decisão preliminar, portuários de todo o Brasil têm se mobilizado através de greves para que o Senado não aprove, como o governo deseja, o fim de seus privilégios. (R.C.)

anos 60, muitas greves tornaram-se famosas, quase todas lideradas pelos doqueiros. Foi o que se viu no movimento dos petroquímicos, dos trabalhadores de bondes urbanos, do Moinho Santista e dos enfermeiros da Santa Casa de Santos.

As greves nessa época aconteciam em todo o país, culminando com o golpe de 1964. Em Santos, os sindicalistas foram o alvo das prisões e cerca de uma centena ficou encarcerada no navio "Raul Soares". Manoel de Almeida, presidente do Sindicato dos Operários dos Serviços Portuários de Santos (a categoria profissional dos doqueiros) entre 1959 e 1964 foi um dos detidos. Assim mesmo, as dependências da Companhia Docas foram prontamente cedidas para muitos interrogatórios das pessoas que não apoiavam a mudança de governo.

Problemas à parte, a situação do porto não mudou muito com o decorrer de anos. "Discute-se a modernidade como se o trabalhador fosse a pedra no sapato. O porto, mesmo quando privado, era acusado, como hoje, de ineficiente, sucateado e de cobrar tarifas elevadas", argumenta Fernando Teixeira. (R.C.)

Simpósio avalia futuro da esquerda no Brasil

Quais as chances de sobrevivência dos partidos de esquerda?

Qual o futuro do socialismo no Brasil? Com a ruptura do leste europeu e a desintegração da União Soviética, quais são hoje os novos paradigmas utilizados pela esquerda no país? Essas e outras questões foram amplamente debatidas durante os três dias do seminário "70 anos de fundação do Partido Comunista no Brasil", promovido pelo Arquivo Edgard Leuenroth, pelo Centro de Pesquisa e Documentação Social e pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. O encontro aconteceu no Centro de Convenções da Universidade nos dias 2, 3 e 4 de junho último, reunindo cientistas políticos, historiadores, filósofos e representantes dos principais partidos de esquerda no país.

Para Leôncio Martins Rodrigues, cientista político e professor do IFCH da Unicamp, depois da crise do "socialismo real", que culminou com a desintegração da União Soviética, o marxismo tem poucas possibilidades de mobilizar grandes parcelas da opinião pública. "As pessoas estão abúlicas em relação aos grandes sistemas e até mesmo à política. Elas preferem os movimentos limitados, que buscam resultados imediatos", diz ele, mencionando como exemplos o feminismo, a ecologia e os homossexuais, entre outros. "Não prevalece mais a idéia de uma grande marcha humana", acrescenta.

Segundo Leôncio, se a esquerda quiser sobreviver no Brasil, é necessário que se desligue do socialismo estatizante. "A situação dos ideólogos socialistas está difícil. Mesmo assim, eu não creio que o socialismo vá desaparecer imediatamente. A burrice continua e só na utopia socialista existe



Leôncio: resultados imediatos.

uma sociedade perfeita, pois as pessoas são diferentes", diz. O professor da Unicamp acha difícil um partido brasileiro se enquadrar nessa concepção. "O PT poderia, quem sabe, se conseguisse abandonar as idéias estatizantes", arremata.

Participação social - José Antonio Segatto, representante do Partido Popular Socialista (PPS, que sucedeu o extinto PCB), afirma que existe uma crise inédita no socialismo, que já era latente desde 1950. Aconteceram várias manifestações dessa natureza, como a da Tchecoslováquia em 1968 e a da Polônia em 1980. "Essa conjuntura abriu uma crise sem precedentes e pôs fim ao comunismo internacional, enterrando a cultura política e seus dogmas", diz

ele, lembrando que a crise não afetou somente os partidos que geraram o regime, mas os que se identificavam com ele como o PCB e o PC do B. Para Segatto, ao mesmo tempo em que essa crise atinge a esquerda como um todo, acaba possibilitando o surgimento de uma nova teoria da revolução, do socialismo, com novos programas e bandeiras.

Assim como o PPS, o PC do B acredita que toda a esquerda teve que fazer um balanço, na medida em que desaparece o campo socialista. "Antes o socialismo olhava a democracia como um mero instrumento para atingir sua ideologia. Agora, deve-se olhar a democracia como um valor universal", diz Segatto. Para o PPS, a socialização não significa estatização, mas a participação da sociedade na economia de uma nação. Segundo seu representante, o partido está passando por uma revisão em seu programa, que pode ser dividida em três questões básicas. A primeira delas é "democracia, modernidade e cidadania", que consiste na democratização integral da sociedade civil, do Estado e da economia etc. A segunda trata da "reforma democrática do Estado", que implica em profunda reforma do sistema político e do Estado, "deslocando as velhas classes dominantes do poder", entre outros tópicos a serem revistos. A última, "democratização da economia", propõe modificações substanciais no tipo de acumulação e reprodução do capital e outros acertos imprescindíveis para a democratização da economia segundo as linhas de atuação do partido.

Para Sérgio Benassi, presidente municipal e membro da Executiva Estadual do PC do B, "o socialismo tem futuro sim, pois comprovou sua eficiência como sistema político e econômico. Durante os 40 anos iniciais em que esteve em vigor na ex-União Soviética, o socialismo real, autêntico mostrou resultados fantásticos, transformando um país aniquilado pela guerra em segunda potência mundial", afirma ele, lembrando que só diz o contrário quem se baseia no socialismo burocrático. Ele acrescenta ainda que o seu partido nun-

ca teve como paradigma o socialismo da União Soviética e do leste europeu das últimas décadas.

Segundo as orientações do PC do B, o país necessita tornar-se socialista. "O partido luta desde já pela vigência do socialismo científico em nossa pátria". Essa é a principal conclusão do informe político apresentado pelo Comitê Central ao 8º Congresso do Partido. Difundir e discutir essa orientação e dedicar-se a transformá-la em ação prática é o que norteia a atuação dos comunistas", relata o documento do PC do B.

O jornalista José Américo Dias, membro da direção estadual e nacional do Partido dos Trabalhadores, assinala que para o PT o socialismo continua tendo futuro. "É a saída para a humanidade, o objetivo perseguido por todos nós do partido para acabar com a miséria e a exploração", acredita. Ele diz ainda que, embora o PT tenha nascido demarcando terreno com o socialismo do leste europeu, da China, da ex-União Soviética e até mesmo de Cuba, o partido sempre teve seus próprios caminhos. "A queda do leste europeu e a desagregação da União Soviética é para o PT um problema político e não teórico-ideológico", frisa ele, assinalando que o seu partido se considera herdeiro dos movimentos sociais como a Comuna de Paris ou o início da Revolução Soviética.

A implantação do socialismo no Brasil, segundo a visão do PT, traduz-se em vários tópicos: na reforma agrária, no combate aos monopólios, no incentivo às pequenas e médias empresas, na democratização do ensino e da cultura e na transformação da saúde em algo acessível a toda população. Sobre a questão da estatização, o PT acredita que existem alguns setores no país que não valem a pena serem assumidos pelo Estado, como o turismo e algumas áreas de serviços, por exemplo. "Somos favoráveis ao controle estatal de áreas fundamentais para o desenvolvimento do país como energia, saúde e educação: O PT é absolutamente contra o processo de privatização do Governo Collor", finaliza. (L.C.V.)

Pesquisa traça perfil do noturno

Mais de 45% dos ingressantes no noturno estudaram em escola pública.

A criação dos cursos noturnos na Unicamp gerou uma série de expectativas sobre os novos alunos que ingressariam na Universidade. Sabidamente, os candidatos inscritos em cursos ministrados à noite normalmente o fazem por falta de opção. Precisam trabalhar durante o dia para o seu sustento e prover também uma ajuda no orçamento familiar. As diferenças em geral apontadas entre os alunos do noturno e do diurno invariavelmente se apoiam no fator econômico.

Para saber a real especificidade do aluno do noturno, a Comissão do Vestibular da Unicamp (Convest) realizou uma pesquisa que traça o perfil dessa "clientela", onde são apontadas as semelhanças e as diferenças entre aqueles que estudam durante o dia e os que o fazem à noite. O estudo, realizado sob a responsabilidade da pesquisadora Mara Bittencourt, mostra também a relação entre trabalho e curso e suas condições para o estudo, entre uma série de outros dados.

Quem é — Ao considerar o fator idade, a pesquisa mostra que aproximadamente metade dos alunos ingressantes no noturno tem mais de 20 anos (50,9%), enquanto no diurno a grande maioria (84,3%) tem menos de 20. Com relação ao estado civil as diferenças foram menores. No noturno 88,55% dos alunos são solteiros e no diurno esse índice é mais alto: 97,1%.

Quanto à origem da escolaridade, a pesquisa mostra que 45,3% dos alunos do noturno estudaram em escolas públicas e 54,79% em particulares. No diurno, o índice de alunos que frequentou a rede particular sobe para 80,2%. O número de alunos provenientes de Campinas e região (43,1%), no noturno, é consideravelmente maior que o dos alunos do diurno (26,9%).

Com relação à frequência de escolas de 2º grau em período diurno, as diferenças são pequenas: a grande maioria dos alunos do noturno (82,7%), contra quase a totalidade dos alunos do diurno (96%). Quase o mesmo índice de diferença percentual, pouco mais de 10%, ocorreu com relação ao tipo de curso frequentado: 72,6% dos alunos do noturno cursaram o colegial comum contra 80,7% dos alunos do diurno. Quanto à preparação para o vestibular, os índices dos que fizeram cursinho praticamente empatam. No noturno 56,6% fizeram cursinho, contra 55,8% dos alunos do diurno.

Quando a pergunta resvala para o nível de escolaridade dos pais, as diferenças são marcantes. De acordo com os dados do trabalho,

41,2% dos pais dos alunos ingressantes nos cursos noturnos têm escolaridade apenas até o 1º grau (primário e ginásio), sendo que nos cursos diurnos este percentual cai para 15,9%. Por outro lado, 42,4% dos pais dos alunos ingressantes nos cursos noturnos têm escolaridade de nível superior. Já nos cursos diurnos esse percentual se eleva para 67,2%.

Trabalho e estudo — Qual a relação entre o aluno que já trabalha e antes de ingressar na universidade e o seu desempenho durante o curso, ao manter suas atividades profissionais em paralelo à vida acadêmica? Há quem diga que os alunos do noturno, apesar de terem menos tempo para dedicar aos estudos, por serem via de regra mais maduros devido à sua atuação profissional no mercado de trabalho, são mais dedicados, aproveitam melhor as aulas e se organizam de forma mais produtiva.

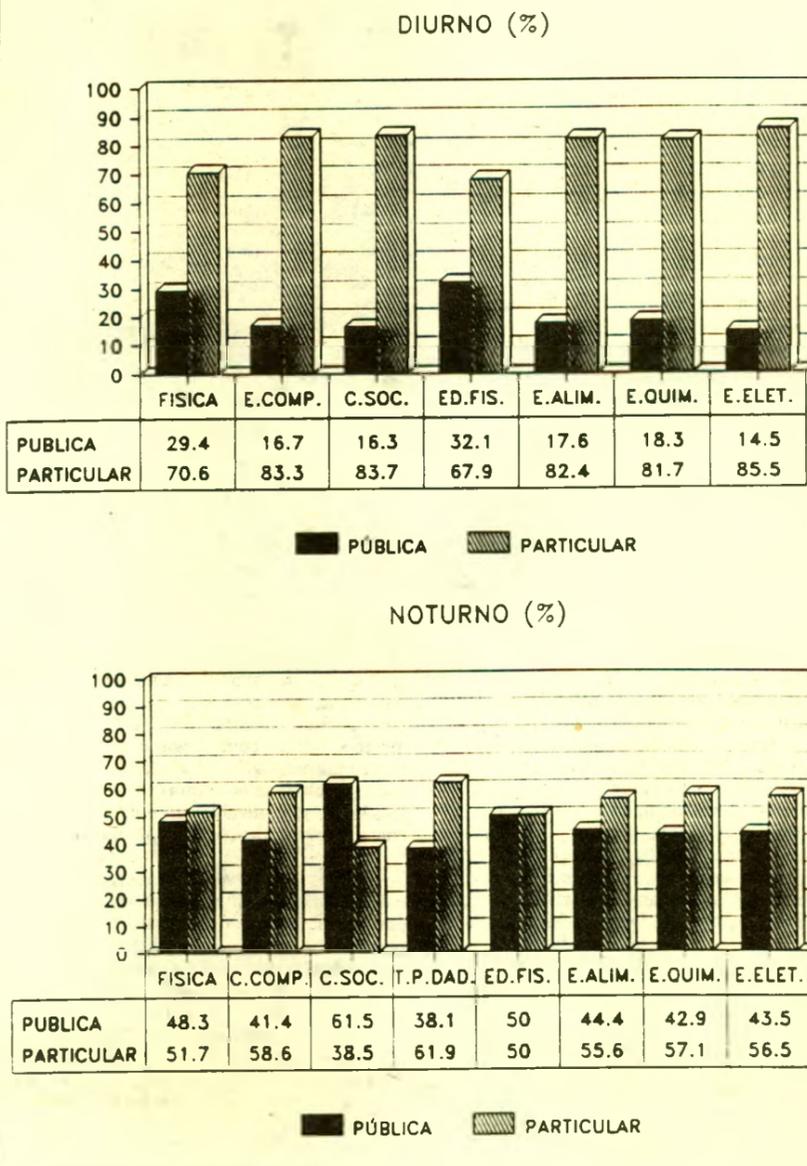
A pesquisa desenvolvida pela Convest mostra a seguinte realidade. Dos alunos que trabalham, "os ingressantes nos cursos de Ciência da Computação, Tecnologia em Processamento de Dados e Física são os que mais exercem atividades profissionais relacionadas ao curso em que se matricularam". Essa identidade entre a vida profissional e a acadêmica provavelmente contribui para um melhor rendimento do aluno na sala de aula.

Curiosamente, é nos cursos onde se encontra o maior número de alunos trabalhadores — Ciências Sociais, Física e Ciência da Computação — que se localiza também, respectivamente, o maior percentual de alunos que interromperam seus estudos: 65,4%, 58,6% e 48,3% por períodos que variaram de três a cinco anos. É também em relação aos alunos desses cursos que se localiza o maior percentual de alunos que contribui de forma significativa para o sustento econômico da família.

Escolha e expectativas — De maneira geral, os motivos que levaram os alunos do diurno e do noturno a escolher a Unicamp são muito próximos. O conceito da Universidade é apontado como a principal causa na opção pela instituição: 39,5% nos cursos diurnos e 37,8% nos noturnos. Já a gratuidade aparece como o segundo principal fator entre os alunos do noturno, 25,8% contra 5,9% dos alunos do diurno que elegem o item qualidade como o seu segundo principal motivo 25,1%, contra 12,2% dos alunos do noturno.

Tanto os alunos do diurno quanto do noturno nutrem expectativas semelhantes quanto se fala em nível de ensino e formação. De acordo com a pesquisa, o prestígio da Universidade gera uma expectativa alta nos ingressantes. Os alunos do noturno apontam sua preocupação com relação à manutenção do mesmo padrão dos cursos diurnos e estes esperam que a instituição "corresponda a sua fama".

Origem dos alunos ingressantes



Estritamente com relação aos cursos escolhidos, a expectativa de uma boa formação profissional está presente nos dois grupos, embora nos alunos do noturno a preocupação com o mercado de trabalho seja mais evidente. A expectativa de uma articulação entre a teoria e a prática é comum entre os alunos do diurno e do noturno que esperam dos professores competência, qualificação e uma didática adequada para a transmissão do conhecimento.

A necessidade de acompanhamento do aprendizado é maior entre os alunos do diurno: 8,8% contra 4,9% do noturno. Já a preocupação com o incentivo à pesquisa está mais presente entre os alunos do diurno: 6,8% contra 3,9% do noturno. Um relacionamento de amizade, apoio e compreensão é também esperado pelos alunos da Unicamp que valorizam o conhecimento amplo e atualizado dos docentes. (G.C.)

Empresa-júnior já movimentou milhões

A Conpec oferece serviços de consultoria e projetos na área de computação.



Membros da Conpec: receita bruta de Cr\$ 35 milhões até o final do ano.

Movimentação de Cr\$ 15 milhões, contratos assinados da ordem de 7,3 milhões e previsão de fechar 1992 com uma receita bruta de Cr\$ 35 milhões. A contabilidade é da Conpec — Consultoria, Projetos e Estudos em Computação —, uma das oito empresas — juniores existentes na Unicamp. Criada em 4 de julho do ano passado, a Conpec ganha corpo: são 10 projetos realizados, outros quatro em andamento e igual número em fase negociação. Os trabalhos são bastante diversificados. Da instalação de um banco de dados para um cursinho preparatório de vestibulares, passando por uma empresa de grafologia até um restaurante de alto padrão, é vasto o espectro ocupacional da Conpec.

"Noventa por cento de nossos 120 membros são capazes de tocar pelo menos um projeto", afirma Renato Ramalho Boiça, 21 anos, aluno do 4º ano de Ciência da Computação e diretor de Marketing da Conpec. Os integrantes da empresa — juniores cursam, geralmente, entre o segundo e o quarto ano dos cursos de Ciência ou Engenharia da Computação, do Departamento de Ciência da Computação do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (Imecc). No Imecc está quase a metade das empresas-juniores organizadas na Unicamp (veja quadro).

Um dos projetos em andamento foi solicitado por uma rede de casas lotéricas de São Paulo. "O cliente queriam um sistema de controle de combinações de jogos de loterias", diz Renato. Definidos os três alunos para a sua execução, o grupo — com o auxílio de um professor — passou ao trabalho de campo. Um

dos itens do projeto prevê a redução de custos para jogos de loteria. Com o sistema, a realização de um jogo é reduzida através de jogos com apostas inteligentes. Por exemplo, seis cartões de cinco números podem ser substituídos por um cartão de seis números, com o mesmo efeito e a 60% do que ficaria.

Renato Boiça trabalha ainda em outro projeto da Conpec, o desenvolvimento de uma nova rede de transmissão de informações entre micros. Esse trabalho tem função acadêmica para diversos alunos de cursos de mestrado da Unicamp, os contratantes da empresa — juniores da Computação.

Para o Anglo-Vestibulares, a organização das informações para quase 10 mil candidatos a vagas de diversas universidades do Brasil é essencial. Para isso o Anglo procurou a Conpec no sentido de viabilizar um sistema com o maior número de informações sobre os principais exames vestibulares. O trabalho,

já quase concluído, permite saber antecipadamente a demanda e outros dados sobre os vestibulares da Unicamp, Fuvest, Unesp e Puccamp, entre outros. Dessa forma foram definidos os equipamentos necessários e a próxima etapa consiste na formalização do banco de dados.

Rinaldo Barcia Fonseca, professor do Instituto de Economia da Unicamp e sua esposa, Maria Bango, são proprietários do restaurante La Babel, em Campinas. Possuíam um microcomputador mas não sabiam a melhor maneira de usá-lo. Procuraram então a Conpec, que ministrou um curso para os dois. "Nessas aulas vi que precisávamos de um programa para o restaurante", diz a proprietária. Daí partiu o interesse em informatizar o restaurante, trabalho feito em dois meses pelos sócios da Conpec.

Maria diz que até o momento só colocou no programa o inventário inicial. Até o final deste mês pre-

tende fechar o balanço do restaurante usando o sistema para o controle de caixas, estoques, folhas de pagamento e até a constituição básica dos principais pratos. A Conpec cobrou apenas US\$ 600 pelo serviço do La Babel, custo que ainda inclui o acompanhamento de implantação do programa. Normalmente os projetos desenvolvidos pela Conpec variam entre US\$ 150 e 900, dependendo do trabalho e tempo de execução.

Uma empresa de grafologia — que trabalha com clientes do porte do Banespa e da Citrosuco, entre outros — também pôde solucionar seus problemas e organizar um banco de dados. O papel da Conpec nesses casos foi fundamental. Os alunos ganharam experiência e as empresas a consultoria eficiente de que necessitavam. Uma fórmula simples que pode ser repetida por outros interessados. A Conpec atende pelos telefones (0192) 39-7470 ou 39-3115. (R.C.)

Unicamp conta com oito empresas

Grupo de Estudos e Projetos em Engenharia de Alimentos (Gepea). Telefone: 39-8513

Júnior Estudos Eletro-eletrônicos (Jr. EEE). Telefone: 39-8682

Consultoria, Projetos e Estudos em Computação (Conpec). Telefone: 39-7470

Estát Júnior. Telefone: 39-7530

Otimização e Modelagem Matemática (Otmma). Telefone: 39-7292

Empresa Metal Júnior. Telefone: 39-8362

Projec. Telefone: 39-7013

Projeto e Pesquisa em Engenharia Química (Propeq-Júnior). Telefone: 39-7840

Ensaio reavalia papel de Geisel

Presidente teria combatido o aparelho repressor dentro das forças armadas.

“**G**rande estadista, estrategista e chefe militar de personalidade marcante, o general Geisel foi o maior responsável pelo processo de distensão política dos governos militares. A capacidade de decidir e a natureza de suas ações políticas sobre as forças armadas comparam-se às do general Charles De Gaulle, no governo da França, com a ressalva de um intervalo de 20 anos: ambos enfrentaram situações bastante semelhantes”. A afirmação é do professor Eliézer Rizzo de Oliveira, cientista político, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e organizador do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE) da Unicamp. Eliézer assina um dos capítulos do livro *Partidos Militares no Brasil*, coordenado por Alain Rouquié e lançado recentemente no país pela editora Record.

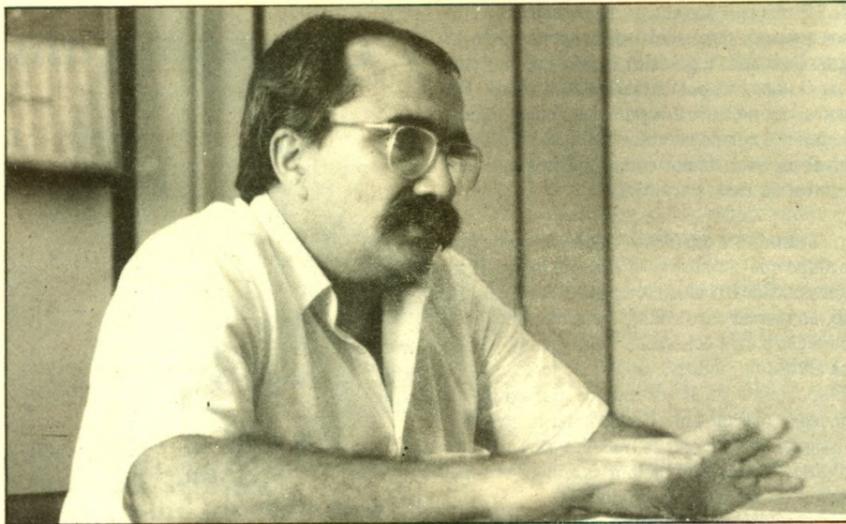
Eliézer mostra em seu trabalho que o general Geisel teve que solucionar no período de 1974-1979, durante seu governo, inúmeros conflitos políticos resultantes de interesses de grupos organizados que funcionavam como verdadeiros partidos militares dentro das forças armadas. Esses partidos, segundo Rouquié — atual embaixador da França no México —, surgiram com a criação, em 1930, da revista *A Defesa Nacional* por oficiais reformistas.

Eles lutavam pela reforma das forças armadas, processo intimamente ligado à modernização do país. Portanto, esse objetivo acabou desencadeando um debate sobre os grandes temas nacionais: desenvolvimento econômico, organização política e política nacional. “Foi em torno desses assuntos que se criaram rachas político-ideológicos e se organizaram as correntes militares que agiam no interior das forças armadas”, assinala Antonio Carlos Peixoto, autor de outro dos capítulos do livro.

O livro surgiu na França como resultado do trabalho de três brasileiros — Antonio Carlos Peixoto, Eliézer Rizzo de Oliveira e Manuel Domingos Neto —, que lá se encontravam por motivos diferenciados. Eliézer estava cursando o doutorado em ciência política pela Fundação Nacional de Ciências Políticas de Paris, orientado por Alain Rouquié, especialista em política comparada e idealizador da obra. Seu primeiro lançamento ocorreu na França em 1980, pela editora da própria fundação.

O estrategista — O processo de descompressão política desenvolvido pelo presidente Geisel sofreu forte oposição de setores das forças armadas e da sociedade civil. No capítulo “Conflitos militares e decisões políticas sob a presidência do general Geisel”, Eliézer relata que os governos militares foram marcados por um conflito permanente desde 1964. De um lado, os liberais, seguidores da doutrina da Escola Superior de Guerra (ESG), que prevê a abertura da economia ao capital estrangeiro, filiação política e ideológica com o Ocidente, alinhamento com os Estados Unidos na política externa, manutenção do poder legislativo e dos partidos políticos tradicionais. Essa doutrina funcionou como principal referência ideológica do governo do general Castello Branco, de quem Geisel foi um seguidor.

De outro lado, o governo Geisel enfrentou as pressões dos setores militares “duros”, partidários da repressão sistemática dos movimentos sociais em nome do combate ao comunismo e da adoção de uma política econômica nacionalista, em particular no setor das rique-



Eliézer Rizzo: estudo compara Ernesto Geisel a Charles De Gaulle.

zas naturais (energia, por exemplo). Conforme relata Eliézer em seu texto, Geisel era identificado com o grupo da ESG, que aos poucos foi perdendo posições durante os governos de Costa e Silva e Garrastazu Médici.

Ao assumir a presidência o general Geisel teve que dividir o poder militar com os “duros”, negociando o comando das três armas e das principais regiões militares. Na ocasião, ele anunciou ainda que estaria empenhado em efetivar uma “distensão lenta, segura e gradual” do regime político, buscando conciliar o desenvolvimento acelerado com a segurança nacional mínima indispensável. Os aparelhos repressivos reagiram claramente contra esse projeto de distensão, ou seja, de abertura política gradativa, com maior participação da imprensa e da justiça.

Táticas — Para vencer a guerrilha — conta o autor —, o aparelho repressivo foi dotado de um enorme campo de ação e de autonomia operacional e política, acabando por se tornar um estado dentro do Estado, capaz de influenciar as decisões governamentais. Diante desse difícil impasse, Geisel decidiu enfrentar o aparelho, lançando mão de algumas táticas.

A primeira delas consistiu na transferência para a Polícia Federal (polícia civil vinculada ao Ministério da Justiça), da coordenação da repressão no plano nacional. “Com isso, o governo reduziu passo a passo a atividade dos órgãos militares repressivos, que encontravam apoio efetivo do então ministro do Exército, general Sílvio Frota”, afirma Eliézer, mostrando que desta maneira Geisel procurava controlar politicamente a repressão através de um ministério não militar.

O aparelho repressivo, no entanto, continuou agindo com autonomia e usando de violência até o momento em que ficou clara a possibilidade de um golpe militar de Estado, cuja origem se encontraria no comando do II Exército em São Paulo. Para enfrentar esse quadro de rebeldia, Geisel adotou uma segunda tática, que se constituiu na colocação de homens de confiança na direção de unidades militares nos grandes comandos, que resistiram às primeiras medidas. Assim, o então presidente designou um colaborador próximo, o general Moraes Rego, para dirigir uma importante unidade em Campinas, a 11ª Brigada de Infantaria Blindada, “sem a qual um golpe de Estado teria poucas chances de sucesso”.

Visando à redução ainda maior do espaço de atuação do aparelho repressivo, Geisel iniciou um processo de abertura gradual e seletiva à imprensa, que desencadeou a publicação de inúmeras denúncias sobre torturas e desa-

parecimentos, sem que os “duros” pudessem efetivamente impedir. A terceira tática governamental centra-se na substituição dos comandantes militares que apoiavam a ação independente dos organismos de repressão.

Em janeiro de 1976, o operário Manoel Fiel Filho apareceu morto em dependências do Exército de São Paulo. Como já se havia produzido em outubro do ano anterior — quando do assassinato do jornalista Wladimir Herzog —, um amplo movimento de protesto explodiu em alguns sindicatos, na imprensa e na universidade. Ainda desta vez, o comandante do II Exército, general Eduardo DÁvila Melo, estava disposto a reprimir essas manifestações. Geisel demitiu-o imediatamente, nomeando para seu lugar o general Dilermando Gomes Monteiro, que apoiava o governo. Dilermando estebeceu, segundo Eliézer, uma regra de ouro: “o militar que prender irregularmente outra pessoa será também preso”.

Os “duros”, cujas posições políticas até então eram contrárias à extinção do AI-5 e também à anistia aos presos políticos, passaram na ocasião a compor com o governo federal, exigindo, contudo, algumas condições, entre elas

o não julgamento dos militares envolvidos na repressão, além da manutenção do AI-5.

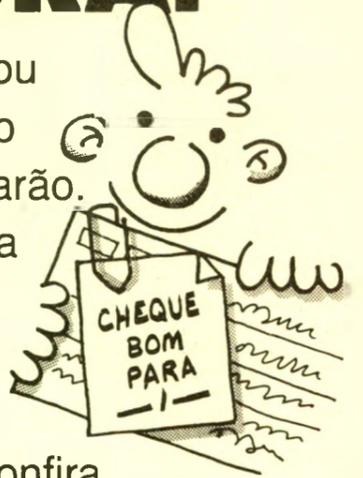
A consolidação das bases da abertura democrática exigia o restabelecimento das instituições políticas e o fim da cobrança do julgamento das forças armadas “que haviam vencido a guerra”. Naquele momento era imprescindível recuperar a autonomia das forças armadas. “Geisel, então, em conjunto com seu sucessor, o general Figueiredo, engrenou o projeto de anistia para ambos os lados, colocando uma pá de cal sobre o passado”, conta Eliézer, lembrando que, na verdade, o denominador comum entre os ex-chefes de governo se chamava Golbery do Couto e Silva. Segundo o docente da Unicamp, pode-se atribuir a Geisel dois méritos importantes: primeiro, a decisão de abrir o regime; segundo, ter enfrentado o aparelho repressivo, que lhe ofereceu tremendas resistências. E ele fez isso movido por duas questões básicas.

A primeira é que o aparelho repressivo se tornara bastante autônomo com relação ao comando político militar e isso constituía um problema bastante sério na medida em que colocava conflitos ao funcionamento normal das forças armadas. Esse aparelho funcionava como algo paralelo com oportunidades de vida para os oficiais, sub-oficiais e soldados que dele participavam. Era uma estrutura fortemente repressiva tendendo ou querendo condicionar os rumos da política. A outra questão era a resistência que Geisel, Golbery e muitos outros oficiais opunham às deturpações do aparelho repressivo. Particularmente, eles não concordavam com a tortura e com o envolvimento das forças armadas no esquema de repressão. Para eles a tortura desonrava a farda.

Com essas e outras táticas, Geisel foi aos poucos superando os obstáculos dentro das forças armadas, ao concentrar em suas mãos o comando militar. “Aliás, ele foi o único presidente da República a conseguir tal proeza”, reforça Eliézer, lembrando que sem essa concentração seria impossível o processo de transição autocontrolada do regime militar. Ainda para manter esse controle, ele afastou do cargo o seu ministro do Exército, general Sílvio Frota, que se opunha à indicação de Figueiredo para a presidência da República. Não menos complexas foram as medidas necessárias para contornar a oposição da elite civil — especialmente a de setores empresariais — a seu governo. (L.C.V.).

PAGUE COM CHEQUE, QUE A GENTE SEGURA.

Cheque pré-datado ou ticket: tudo é dinheiro no Supermercado Barão. Você ganha na forma de pagamento, na antecipação da compra e ganha também no preço. Confira.



• ENTREGA A DOMICÍLIO • CONVÊNIO ADUNICAMP E ASSUC •

Barão
SUPERMERCADOS

TUDO À MÃO!

Rua Benedito Alves Aranha - Barão Geraldo

POSTO DIAL

Rodovia Santos Dumont a 500 metros da Rodovia dos Bandeirantes
Fone: 47-0748

POSTO STA LETÍCIA

Em frente ao Terminal Ouro Verde
Fone: 47-2292

Convênio com ASSUC, com cheque para 12 dias para:

- Abastecimento
- Acessórios
- Troca de Óleo
- Filtros
- Lavagem e Lubrificação

Convênio extensivo a alunos com apresentação de RG e RA.

ENCONTROS

Toxinologia - A Unicamp sedia, de 27 a 31 de julho, a partir das 8h30, o 2º Simpósio Brasileiro de Toxinologia e o 4º Simpósio Pan-Americano da IST (Sociedade Internacional de Toxinologia). Vital Brazil será um dos homenageados durante o evento, que se realizará no Centro de Convenções da Unicamp. A professora Bárbara Hawggod, de Londres, abordará em seu trabalho a vida e a obra de Vital Brazil. A toxinologia é o ramo da toxicologia que se ocupa das toxinas, substâncias tóxicas produzidas por seres vivos (animais, vegetais e bactérias). A professora Julia Prado Franceschi, da Unicamp, é a presidente da Sociedade Brasileira de Toxinologia. Participarão do evento cerca de 100 toxicologistas estrangeiros e 200 brasileiros.

TESES

Biologia

"Permeabilização da membrana mitocondrial interna por Ca. ++ em condições de estresse oxidativo: inibição por trifluoperazima" (mestrado). Candidato: Ricardo de Souza Pereira. Orientador: professor Aníbal Eugênio Vercesi. Dia: 16 de junho.

"Aspectos ecológicos da pesca artesanal no Rio Grande à justante da usina Hidrelétrica de Marimbondo" (mestrado). Candidato: Fábio de Castro. Orientadora: professora: Alina Begossi. Dia: 17 de junho.

"Espermatogênese em *passer domesticus* (aves, passeriformes): estudo estrutural e ultra-estrutural" (mestrado). Candidata: Rejane Maira Góes. Orientadora: professora Mary Anne Heidi Dolder. Dia: 17 de junho.

"Estudo comparativo do crescimento em *di-morphandra mollis benth* e *entierolobium contortissiliquum* (vell.) morong" (doutorado). Candidata: Leila Maria de Queiroz Oliveira. Orientadora: Yvany Ferraz Marquês Válio. Dia: 22 de junho.

"Estudo do regime alimentar de peixes detritívoros da bacia do Rio Jacaré Pepira (SP)" (mestrado). Candidata: Mônica Maria Vaz. Orientador: professor Miguel Petreire Júnior. Dia: 23 de junho.

"Estudo genético da tolerância imunológica por seleção bidirecional" (doutorado). Candidato: Antonio Carlos da Silva. Orientador: professor Osvaldo Augusto Sant'ana. Dia: 24 de junho.

"Ecologia comportamental de beija-flores em duas espécies de *hippeastrum Herb* (*Amaryllidaceae*) na região de Atibaia, Estado de São Paulo" (mestrado). Candidato: Augusto João Piratelli. Orientador: professor Luiz Octávio Marcondes Machado. Dia: 24 de junho.

"Estudo florístico e fitossociológico de uma floresta no município de Campinas, com ênfase nos componentes herbáceo e arbustivo" (mestrado). Candidato: Luís Carlos Bernacci. Orientador: professor Hermógenes de Freitas Leitão Filho. Dia: 25 de junho.

Ciência da Computação

"Projeto de uma linguagem orientada a objetos" (mestrado). Candidato: José de Oliveira Guimarães. Orientador: professor Hans Kurt Edmund Liesenberg. Dia: 12 de junho.

"Ambientes de apoio e desenvolvimento transformacional" (mestrado). Candidata: Christina Brandão Von Flach. Orientador: professor Geovane Cayres Magalhães. Dia: 23 de junho.

"Técnicas de otimização de código para arquiteturas risc" (mestrado). Candidato: Galileu Batista de Sousa. Orientador: professor Tomasz Kowaltowski. Dia: 29 de junho.

Economia

"A economia política do arroz: uma análise da conformação do complexo agro-industrial - (CAI) do arroz irrigado no Rio Grande do Sul. (doutorado). Candidato: Dinizar Fermiano Becker. Orientador: professor Luiz Carlos Guedes Pinto. Dia: 19 de junho.

"Da indústria do papel ao complexo florestal no Brasil: o caminho do corporativismo tradicional ao neo-corporativismo" (doutorado). Candidato: Fernando Augustin Soto. Orientador: pro-

VIDA UNIVERSITÁRIA

fessor José Francisco Graziano da Silva. Dia: 26 de junho.

Educação

"Metodologias de ensino: as ciências como forma de pensar o mundo" (doutorado). Candidata: Marisa Fernandes Nunes. Orientadora: professora Olinda Maria Noronha. Dia: 17 de junho.

"Educação, trabalho e tecnologia" (doutorado). Candidato: Newton Antonio Paciulli Bryan. Orientador: professor Newton César Balzan. Dia: 18 de junho.

"Não era bem isto o que eu esperava da universidade: um estudo de escolhas profissionais" (doutorado). Candidata: Maria Alves de Toledo Bruns. Orientadora: professora Maria Inês Fini. Dia: 22 de junho.

"Modelagem matemática: ações e interações no processo de ensino-aprendizagem" (doutorado). Candidato: Dionísio Burak. Orientadora: professora Márcia Regina Ferreira de Brito. Dia: 24 de junho.

"Movimentos sociais populares urbanos no Brasil de 1983 a 1990" (mestrado). Candidata: Samira Kauchakje. Orientador: professor Salvador Antonio Meireles Sandoval. Dia: 24 de junho.

"Relações do processo de escrita com esferas da atividade simbólica em crianças submetidas ao ensino especial" (mestrado). Candidata: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda. Orientadora: professora Maria Cecília Rafael de Góes. Dia: 25 de junho.

"Escola pública de 1º grau: tendências didáticas do ensino de ciências e matemática" (doutorado). Candidata: Marília Martins Coelho. Orientadora: professora Maria Cecília de Oliveira Micotti. Dia: 26 de junho.

Educação Física

"Vivências corporais: proposta de trabalho de auto-conscientização" (mestrado). Candidato: Adilson Nascimento de Jesus. Orientadora: professora Maria Inês Fini. Dia: 3 de junho.

Engenharia Elétrica

"Identificação e otimização conjunta: uma abordagem multicritério" (mestrado). Candidata: Tereza Cristina Duque Borges. Orientador: professor Paulo Augusto Valente Ferreira. Dia: 1 de junho.

"Detecção de frequências através de predição linear" (mestrado). Candidato: Ernesto José Batista Antunes. Orientador: professor Amauri Lopes. Dia: 5 de junho.

"Ferramentas para a linguagem de especificação lotos" (mestrado). Candidato: Humberto Maia Lima. Orientador: professor Maurício Ferreira Guimarães. Dia: 15 de junho.

"Ferramentas computacionais para a implementação de sistemas de monitoramento e diagnóstico de máquinas rotativas" (doutorado). Candidato: Eurípedes Guilherme de Oliveira Nóbrega. Orientador: professor Clésio Luiz Tozzi. Dia: 16 de junho.

"Medidas de complexidade para avaliação de mudanças em sistemas de software" (mestrado). Candidata: Sônia Termes. Orientador: professor Mário Jino. Dia: 17 de junho.

"Circuito elétrico equivalente para conversores assíncronos lineares" (mestrado). Candidato: Renato Crivellari Creppe. Orientador: professor Carlos Rodrigues de Souza. Dia: 17 de junho.

"Determinação dos parâmetros funcionais de monitores de indução a partir de catálogos de fabricantes" (mestrado). Candidato: Clovis Goldemberg. Orientador: professor Yaro Burian Júnior. Dia: 22 de junho.

"Gradadores de ciclo integral para acionamento de fornos a resistência" (mestrado). Candidato: Paulo José Amaral Serni. Orientador: professor Carlos Rodrigues de Souza. Dia: 26 de junho.

"Um sistema para auxílio ao projeto de redes locais de computadores OSI/ISO" (mestrado). Candidato: Suhel Georges Zogheib. Orientador:

professor Manuel de Jesus Mendes. Dia: 26 de junho.

"Uma contribuição ao estudo dinâmico da máquina síncrona" (doutorado). Candidata: Ana Cristina Cavalcante Lyra. Orientador: professor Yaro Burian Júnior. Dia: 29 de junho.

"Métodos de estimação dos parâmetros dos modelos arma para análise espectral" (mestrado). Candidato: Adrián Sotero de Witt Batista. Orientador: professor Amauri Lopes. Dia: 30 de junho.

Engenharia Mecânica

"Erros dimensionais no torneamento devido à rigidez do sistema" (mestrado). Candidato: Hidekasú Matsumoto. Orientador: professor Carlos Amadeu Pallerosi. Dia: 2 de junho.

Engenharia Química

"Modelagem e simulação do processo de oxidação do etanol a acetaldeído" (mestrado). Candidato: Aimar Domingues. Orientador: professor Rubens Maciel Filho. Dia: 9 de junho.

"Deslocamento de fluidos imiscíveis em meios porosos com utilização de soluções poliméricas" (mestrado). Candidata: Damaris Kirsch Pinheiro. Orientador: professor César Costapinto Santana. Dia: 12 de junho.

"Análise de flexibilidade e operação de processos químicos" (mestrado). Candidato: Amílcar Odínir Stingham. Orientador: professor Rubens Maciel Filho. Dia: 22 de junho.

Geociências

"A indústria do zinco no Peru: evolução e perspectivas" (mestrado). Candidato: Jaime Alberto Huanán Montes. Orientador: professor Celso Pinto Ferraz. Dia: 8 de junho.

Humanas

"A prefeitura de São Paulo num cortiço da cidade - 1985/1986" (mestrado). Candidata: Renata Ferreira Xavier. Orientadora: professora Ana Maria de Niemeyer. Dia: 2 de junho.

"Exploração e escravidão nas agropecuárias da Amazônia Matogrossense" (mestrado). Candidato: João Carlos Barrozo. Orientadora: professora Maria de Nazareth Baudel Wanderley. Dia: 16 de junho.

"O uso de agrotóxicos e os problemas de sua legitimação - um estudo de sociologia ambiental no município de Santo Amaro da Imperatriz, S.C." (doutorado). Candidata: Julia Sílvia Guivant. Orientador: professor Daniel Joseph Hogan. Dia: 25 de junho.

"O dilema entre estatização e privatização dos serviços de saúde no Brasil" (mestrado). Candidato: Sérgio Pio Bernardes. Orientador: professor Vilmor Evangelista Faria. Dia: 28 de junho.

"Origens do Janismo. São Paulo 1948/1953" (mestrado). Candidata: Silvana Maria de Moura Walmsley. Orientador: professor Michael MacDonald Hall. Dia: 22 de junho.

"Da terra das primaveras a ilha do amor, reggae, lazer e identidade em São Luís do Maranhão" (mestrado). Candidato: Carlos Benedito Rodrigues da Silva. Orientadora: professora Vanessa Rosemary Lea. Dia: 24 de junho.

"Políticas públicas e organizações populares: um estudo sobre as creches no município de São Paulo de 1982 a 1989" (mestrado). Candidata: Diana Blay. Orientadora: professora Maria da Glória Marcondes Gohn. Dia: 29 de junho.

"Estrangeiros: peregrinos da América. Os latino-americanos do Cone Sul (Chilenos, Argentinos e Uruguaios) no Brasil das cidades de São Paulo em Campinas: 1970-1990" (mestrado). Candidata: Maria Edite Guerreiro Obando. Orientadora: professora Ana Maria de Niemeyer. Dia: 30 de junho.

Linguagem

"A vertigem do sentido na obra de Jean-Paul Sartre" (mestrado). Candidato: Luiz Antônio Conatori Romano. Orientador: professor Luiz Carlos da Silva Dantas. Dia: 26 de junho.

"Ancoragens textuais em navegos" (mestrado). Candidata: Beteizabete de Brito. Orientador: professor João Wanderley Geraldi. Dia: 29 de junho.

Química

"Influência da radiação gama sobre uma dfa-se estacionária usada em colunas microbore para Clae" (doutorado). Candidata: Maria de Fátima Severo Trindade. Orientadora: professora Carol Hollingworth Collins. Dia: 12 de junho.

"Estudo de relaxações em polímeros e blendas poliméricas através de sonda fluorescente" (doutorado). Candidata: Sandra Mara Martins Franchetti. Orientadora: professora Teresa Dib Zambom Atvars. Dia: 15 de junho.

"Determinação condutométrica de nitrato, nutrição, amônio e uréia em análise por injeção em fluxo e construção de um analisador automático" (doutorado). Candidato: Lourival Cardoso de Faria. Orientador: professor Célio Pasquini. Dia: 26 de junho.

"Entalpias padrão molar de solução e estudos entálpicos envolvendo o sistema Éster Orgânico-Solvente" (mestrado). Candidata: Sirlei Roca. Orientador: professor Claudio Airolidi. Dia: 26 de junho.

Alliance Française

OFERECE:

- CURSOS REGULARES
- CURSOS INTENSIVOS
- FRANCÊS INSTRUMENTAL
- TRADUÇÃO

MATRÍCULAS ABERTAS A PARTIR DE 15 DE JUNHO

INFORME-SE F: 31-4090/32-6247

R. JOSÉ THEODORO DE LIMA, 66 CAMBUI - CAMPINAS

NÃO PERCA TEMPO,
NEM DINHEIRO...
"FAÇA AGORA
O QUE VOCÊ
PODE PRECISAR
AMANHÃ !"

GANHE 15% DE DESCONTO APRESENTANDO ESTE ANÚNCIO

Qualidade - People



Pharmácia Magistral

HOMEOPATIA E LABORATÓRIO DE MANIPULAÇÃO



HOMEOPATIA
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULA
FLORAIS DE BACH
FLORAIS CALIFORNIANOS

convênio.

ASSUC
ADUNICAMP
TELEBRÁS
RHODIA

Farmacêutica Homeopata:
Denise Derly Saburi
CRF 8.11.888

Ligar & Sigla

AV. SANTA IZABEL, 154 - Barão Geraldo FONE: 39-2319



GUIDO SHELL

QUALIDADE DO COMBUSTÍVEL
E
GARANTIA DE BONS SERVIÇOS

- * LAVAGEM RÁPIDA GRÁTIS
- * SHELL SUPER SF 3 Lts. \$ 22.000,
- * LUMA SF 2,5 Lts. \$ 23.000,

CARVAO - SORVETES KIBON
BEBIDAS E GELO

AV. ALBINO J. B. DE OLIVEIRA, 1.001 - BARÃO GERALDO FONE: 39-1442

PROMOCÃO POR TEMPO LIMITADO

HC realiza transplante cardíaco

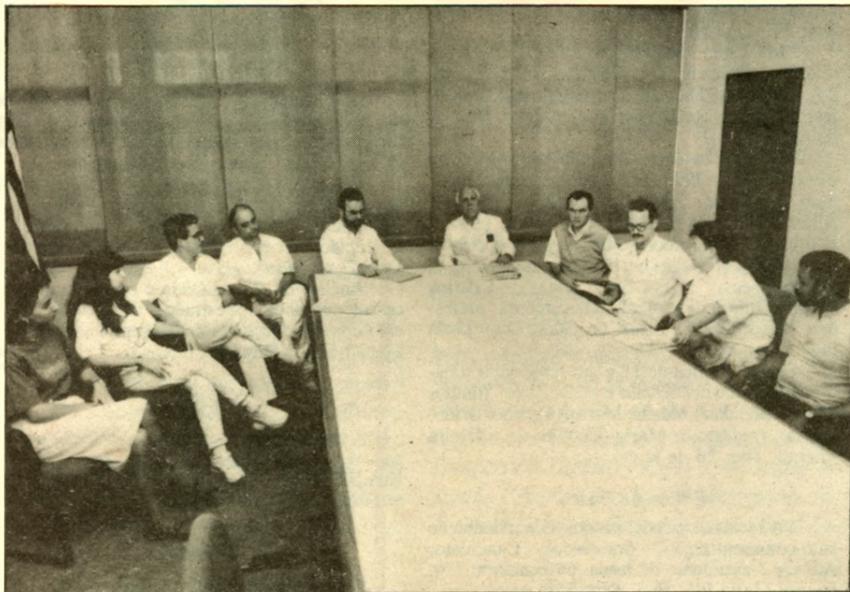
No dia 11 de maio último, por volta das 7 horas da manhã, uma mulher de 33 anos, dava entrada no centro cirúrgico do HC da Unicamp para correção de uma série de anomalias congênitas complexas, constatadas pela equipe de cardiologia do Hospital. Após a cirurgia, realizada por Eduardo Sancho e que terminou por volta das 12h15 daquele dia, a equipe tentou gradativamente tirar a paciente da máquina de circulação extra-corpórea à qual estava submetida, como ocorre normalmente em intervenções cirúrgicas dessa natureza.

Contudo, durante a etapa de recuperação, a equipe médica constatou que a paciente apresentava ausência total da função do ventrículo direito. O órgão se dilatou completamente, perdendo suas funções. "Isso acontece nesses casos, e a conduta é manter o paciente em circulação extra-corpórea parcial durante um certo tempo. "Com a bomba disponível no HC, naquela ocasião, essa assistência só era viável por duas a três horas, no máximo", afirma o cirurgião. Ao término desse tempo, a paciente não se recuperava, não sustentava sozinha nem ritmo cardíaco, nem função contrátil e pressão arterial. Por volta das 16 horas daquele dia 11, não restava outra saída à equipe senão interromper a circulação extra-corpórea. Caso a paciente não sustentasse suas funções, se daria o óbito.

Transplante - Inconformado com a situação, Eduardo Sancho deixou o centro cirúrgico em busca de uma solução de emergência. Foi até a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) saber se existia algum doador potencial. Para sua surpresa, um paciente tinha entrado em morte cerebral uma hora e meia atrás, com doação de seus órgãos pela família. A segunda coincidência foi que o tipo sanguíneo do doador era compatível com o da receptora. Nesse exato instante Sancho decidiu fazer o transplante. "Embora totalmente inesperada, a decisão foi a mais acertada. O transplante aconteceu da melhor forma possível, em um tempo considerado muito bom, sobretudo para o primeiro de muitos que serão realizados no HC", conta o cirurgião.

A paciente evoluiu com inúmeras complicações, como insuficiência renal e dis-

Importante centro médico de nível terciário, capaz de realizar cirurgias complexas — como transplantes renais, de fígado e córneas, por exemplo, num total que ultrapassa já as 300 intervenções dessa natureza —, o Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp não havia ingressado ainda na era dos transplantes cardíacos. O domínio das técnicas nessa área por alguns profissionais, a infra-estrutura instalada e a capacitação de pessoal de apoio, que vinham sendo desenvolvidos ao longo dos últimos três anos, traziam cada vez mais para perto o desencadeamento do processo, cujo início estava previsto para daqui a ano e meio. Uma emergência, no entanto, veio antecipar o projeto: no dia 11 de maio último a equipe de cirurgia cardíaca do hospital realizou seu primeiro transplante, inaugurando esse serviço em todo o interior do Estado de São Paulo. O transplante teve duração de 5 horas, tempo considerado muito bom por especialistas da área. (L.C.V.)



A equipe que realizou o primeiro transplante cardíaco do interior do Estado.

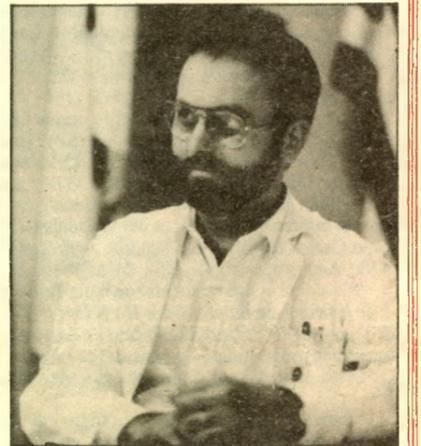
túrbios da coagulação, conseqüentes do tempo prolongado de assistência circulatória a que foi submetida antes do transplante. Ela permaneceu na UTI do HC por quatro semanas e, apesar da melhora inicial, acabou desenvolvendo uma infecção pulmonar por fungo e vírus. A equipe médica lançou mão de todos os meios ao seu

alcance para salvá-la, utilizando especialmente uma série de medicamentos de última geração, na tentativa de controlar o quadro infeccioso. Mesmo assim, ela faleceu no dia 11 de junho último, às 18 horas, exatamente um mês após a cirurgia. O nome da paciente não foi revelado por questões éticas. (L.C.V.)

Quem é Eduardo Sancho

O cirurgião cardíaco Eduardo José Vanti Sancho cursou a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp no período de 1976 a 1981. No ano seguinte deixou o país para fazer sua especialização em cirurgia cardiovascular e torácica em Strasburgo, na França, onde permaneceu durante dois anos e meio. Lá ganhou também experiência na parte de cirurgia torácica, vascular periférica e cardíaca em adultos. Em seguida passou um ano na Universidade de Nice, onde participou de vários transplantes cardíacos. Em seus últimos dois anos na França, de um total de seis, ele se transferiu para a Universidade de Paris, onde trabalhou no Hospital Lainec, na área de cirurgia e transplante cardíacos pediátricos.

Sancho retornou ao Brasil em 1987 e ingressou na Unicamp no ano seguinte, como professor-assistente da disciplina de cirurgia cardíaca no Departamento de Cirurgia. Em 1990 tornou-se membro da Sociedade Internacional de Transplante de Órgãos Intra-torácicos. (L.C.V.)



Sancho: transplantes na Europa.

Projeto prevê implantação de unidade de transplante

O projeto de implementação de um serviço de transplantes cardíacos na Unicamp, iniciado em 1989 pelo cirurgião cardiovascular Eduardo Sancho, foi dividido em duas fases: uma experimental e outra clínica. Apesar da experiência acumulada na área de cirurgia cardiovascular, em seis anos de especialização nos grandes centros de saúde da França, ele implementou no HC todas as etapas necessárias à implantação desse serviço. No nível experimental, tratou-se de trazer para a Unicamp a linguagem do que é o transplante, além da viabilização das condições físicas necessárias e do treinamento de pessoal. O projeto envolve um grande número de profissionais: imunologistas, infectologistas, anestesistas e perfusionistas, por exemplo, além de unidades de atendimento (banco de sangue, UTI e outras).

Para viabilizar a fase experimental do novo projeto, a equipe da Unicamp realizou transplantes cardíacos em cerca de 40 cães, entre 1989 e 1990. "No ano passado, a equipe de Sancho desenvolveu, juntamente com o Departamento de Farmacologia, com o professor Gilberto de Nucci e Peter Withrington da Universidade de Londres, um projeto de transplante de pulmão isolado e um de coração-pulmão, ambos em cães. Segundo ele, essa fase experimental, realizada em conjunto com o professor Carlos Fratzatto Júnior da Cirurgia Torácica, serviu, sobretudo, para treinamento e reciclagem dos membros da equipe.

Novo serviço - O esforço de reunir profissionais e viabilizar a infra-estrutura necessária ao desenvolvimento da cirurgia cardíaca na Unicamp, iniciou-se, de fato, a partir de 1990. A Faculdade de Ciências Médicas (FCM), através de sua diretoria, da superintendência do HC, dos chefes dos departamentos de Clínica e Cirurgia, e das disciplinas de Cardiologia Clínica e Cirúrgica, reuniram-se e criaram o Serviço Conjunto de Cardiologia Clínica e Cirúrgica. Esse serviço reorganizou, no ano passado, a prática da cirurgia cardíaca no HC e Sancho passou a coordená-lo. Foram estabelecidas algumas normas e condutas, criaram protocolos, desenvolveram novas técnicas e alguns profis-

sionais como perfusionistas, intensivistas e anestesistas foram enviados a centros nacionais e internacionais para reciclagem.

Um trabalho muito complexo foi desencadeado, na tentativa de otimizar sistemas e viabilizar estruturas já existentes, mas que não eram ainda utilizadas. Então, a partir de março do ano passado, inaugurou-se uma nova fase desse serviço no HC, com a introdução de um novo programa de cirurgia cardíaca. Para Sancho, não adianta dispor de bons cirurgiões e anestesistas. "A cirurgia cardíaca é um trabalho multidisciplinar e seu sucesso depende de toda equipe, assim como de uma infra-estrutura adequada", diz.

Segundo ele, foi muito relevante ao projeto a participação do superintendente do HC, Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva, do diretor da FCM, Luís Alberto Magna e do reitor Carlos Vogt, que o institucionalizaram, permitindo assim que a equipe colhesse seus primeiros frutos nessa fase com a cirurgia cardíaca. Dentro desse projeto, em fevereiro, alguns membros da equipe estiveram visitando importantes centros da França, trazendo para a Unicamp convênios com o Centro Médico-Cirúrgico Marie Lannelongue e Centro Cardiorrástico de Mônaco, duas instituições de renome na área de cirurgia cardiovascular, onde o próprio Sancho realizou seu treinamento. Quando implementado, esse sistema de cooperação permitirá a reciclagem de recursos humanos com bolsas pagas por esses centros lá fora, a doação de equipamentos, a transferência de tecnologia e de experiência de equipes de cirurgia cardíaca, em áreas específicas, que estarão visitando a Unicamp.

A meta básica da equipe é consolidar o Serviço Conjunto de Cardiologia Clínica-Cirúrgica, concluindo o espectro de todas as cirurgias valvulares, coronárias e de congênitos, até 1993. O transplante, por ser a cirurgia mais complexa, seria a última a ser realizada, segundo os critérios do novo serviço. Mas ele acabou se adiantando em função de uma emergência. (L.C.V.)

Cirurgia é complexa e requer alta especialização

— O que é um transplante cardíaco? fica difícil imaginar a complexidade das etapas e cuidados que envolvem uma cirurgia desta natureza. Existem dois tipos principais de transplantes cardíacos, o ortotópico e o heterotópico. O primeiro é aquele em que se retira o coração doente do receptor e se implanta um outro em posição normal ou ortotópica. Já no heterotópico, um segundo coração é implantado, deixando o outro órgão em sua posição original. Assim, o paciente passa a ter dois corações.

Há também o transplante em que se retira um só pulmão e se faz o implante; ou o duplo, necessário quando os dois pulmões do paciente estão comprometidos; e ainda um terceiro transplante, o de coração-pulmão, quando se extrai num só bloco o coração e o pulmão do receptor, implantando-lhe o novo conjunto. No HC da Unicamp, todas essas etapas já foram testadas em nível experimental e serão utilizadas futuramente na fase clínica do programa de transplantes.

Para Eduardo Sancho, não se pode falar em transplante cardíaco sem mencionar doador e receptor. Ele lembra que hoje o doador potencial é aquele que tem morte cerebral, ao contrário do que acontecia antes de 1968, quando um paciente era considerado doador só depois que as funções cardíacas e respiratórias cessavam. "Felizmente, isso está mudando", afirma o cirurgião, explicando que após o diagnóstico de morte cerebral não existe a possibilidade de um retorno, suas funções cardíacas, renais e pulmonares se deterioram rapidamente, não ultrapassando 48 horas. "É preciso esclarecer à população que um paciente com morte cerebral chegou a óbito: seu coração só continua batendo por estar artificialmente em funcionamento. Quando se retira um órgão de alguém com morte cerebral, está se extraindo o órgão de um cadáver", esclarece.

Quanto ao receptor, é importante que ele seja bem estudado, antes do transplante, que se rea-

lizem testes, dosagens sorológicas, que se conheça em profundidade o paciente do ponto de vista psicológico etc. O receptor deve ser também acompanhado depois da cirurgia: há um controle rigoroso da infecção, é necessário retornar ao hospital para as biópsias, enfim, desencadeia-se uma terapia extremamente complexa. A compatibilidade é um outro fator que deve ser levado em conta no transplante cardíaco que, em linhas gerais, segue as mesmas regras da transfusão sanguínea. Assim, os doadores do grupo sanguíneo tipo O positivo podem e devem doar seus órgãos a pacientes do grupo A, B e AB, por exemplo.

Etapas - Quando se opta por um transplante cardíaco, com doador disponível em hospital diferente daquele onde se dará a cirurgia, o primeiro passo é se contatar dois ou três candidatos, sem nenhuma infecção ou outros fatores que contraindiquem o transplante. O que estiver em melhores condições entre os três é selecionado. Paralelamente, uma equipe se desloca para onde está o doador, no caso de um outro hospital e se encarrega da retirada do órgão. Uma outra parte da equipe inicia a cirurgia do receptor. As duas operações são realizadas quase que simultaneamente. Quando isto é feito entre duas instituições, mantém-se uma comunicação permanente por rádio ou telefone. Logo que retirado, o coração do doador é imediatamente transplantado. O novo órgão é colocado dentro da cavidade pleural e vai sendo saturado numa seqüência lógica — uma câmara cardíaca de cada vez — até que ele seja completamente implantado.

Normalmente, há um índice de mortalidade nessa área em torno de 15% a 20%, até mesmo nos grandes centros internacionais, que já fizeram centenas de transplantes cardíacos, como é o caso de Stanford nos Estados Unidos, do Hospital de Harefield na Inglaterra ou do Hospital Pitié-Salpêtrière em Paris. França. (L.C.V.)